

**SCHEIN**

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

M421f

Mayer, Gustav, 1871-1948

Friedrich Engels [recurso eletrônico] : uma biografia / Gustav Mayer ; tradução Pedro Davoglio. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2020.

recurso digital

Tradução de: Engels : a biography

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital edition

Modo de acesso: world wide web

Inclui índice

ISBN 978-65-5717-026-7 (recurso eletrônico)

1. Engels, Friedrich, 1820-1895. 2. Comunistas - Biografia. 3. Livros eletrônicos. I. Davoglio, Pedro. II. Título.

20-67549

CDD: 920.93354

CDU: 929:330.85

---

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: novembro de 2020

BOITEMPO

Jinkings Editores Associados Ltda.

Rua Pereira Leite, 373

05442-000 São Paulo SP

Tel.: (11) 3875-7250 / 3875-7285

[editor@boitempoeditorial.com.br](mailto:editor@boitempoeditorial.com.br)

[www.boitempoeditorial.com.br](http://www.boitempoeditorial.com.br)

[www.blogdaboitempo.com.br](http://www.blogdaboitempo.com.br)

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: GUSTAV MAYER – O BIÓGRAFO CLÁSSICO DE F. ENGELS  
*JOSÉ PAULO NETTO*

PREFÁCIO

CAPÍTULO I – FAMÍLIA E MOCIDADE

CAPÍTULO II – ENTRADA NA POLÍTICA

CAPÍTULO III – SERVIÇO MILITAR. OS JOVENS HEGELIANOS

CAPÍTULO IV – RUMO AO COMUNISMO

CAPÍTULO V – ESTUDOS POLÍTICOS E SOCIAIS NA INGLATERRA

CAPÍTULO VI – AMIZADE COM MARX

CAPÍTULO VII – NA BÉLGICA E NA FRANÇA

CAPÍTULO VIII – O *MANIFESTO COMUNISTA*

CAPÍTULO IX – A REVOLUÇÃO ALEMÃ

CAPÍTULO X – A QUESTÃO DA REVOLUÇÃO ALEMÃ

CAPÍTULO XI – REAÇÃO E PROSPERIDADE. A RUPTURA COM A DEMOCRACIA  
BURGUESA

CAPÍTULO XII – LONDRES E MANCHESTER

CAPÍTULO XIII – A GUERRA DA CRIMEIA E A DEPRESSÃO ECONÔMICA

CAPÍTULO XIV – ENGELS E LASSALLE. A GUERRA DE 1859

CAPÍTULO XV – A GUERRA CIVIL AMERICANA

CAPÍTULO XVI – A ASCENSÃO DA PRÚSSIA. O PROBLEMA IRLANDÊS

CAPÍTULO XVII – A GUERRA FRANCO-PRUSSIANA

CAPÍTULO XVIII – A LUTA CONTRA BAKUNIN

CAPÍTULO XIX – O IMPÉRIO ALEMÃO E A UNIFICAÇÃO DA SOCIAL-DEMOCRACIA  
ALEMÃ

CAPÍTULO XX – A LEGISLAÇÃO ANTISOCIALISTA. A MORTE DE MARX

CAPÍTULO XXI – DA PRIMEIRA À SEGUNDA INTERNACIONAL

CAPÍTULO XXII – A POLÍTICA EUROPEIA NA QUEDA DE BISMARCK

CAPÍTULO XXIII – OS ÚLTIMOS CINCO ANOS. O PERIGO DA GUERRA MUNDIAL

CAPÍTULO XXIV – O FIM

ÍNDICE ONOMÁSTICO

CRONOLOGIA DA VIDA E OBRA DE FRIEDRICH ENGELS

SOBRE O AUTOR

CADERNO DE IMAGENS



# APRESENTAÇÃO:

## GUSTAV MAYER – O BIÓGRAFO CLÁSSICO DE F. ENGELS

*José Paulo Netto*

A passagem do ducentésimo aniversário de nascimento de Friedrich Engels, a comemorar-se em novembro do corrente ano, haverá de ser objeto de eventos acadêmicos, culturais e políticos que, mesmo em meio à pandemia que nos dias de hoje inferniza a vida de centenas de milhões de pessoas – afetando mortalmente sobretudo as populações trabalhadoras –, programam-se nos centros de todo o mundo civilizado. Não é infundado crer que, entre as homenagens a serem tributadas no decurso do presente ano ao maior amigo e camarada de Karl Marx, contar-se-á o enriquecimento da bibliografia que a ele diz respeito<sup>[1]</sup>.

No Brasil, esta edição da pioneira e consagrada biografia de Engels por Gustav Mayer (a seguir designado *GM*) reproduz o texto do que, em seu prefácio de 1935, o autor declarou ser “esta nova biografia, que escrevi para o mundo anglófono”. O texto, posteriormente conhecido como *edição condensada*<sup>[2]</sup> – constitui um excelente aporte àquele enriquecimento no âmbito da documentação existente em nosso idioma, no qual, salvo erro, *GM* permaneceu inédito até o lançamento deste livro. Lançamento, pois, com que a Boitempo Editorial participa dos eventos relativos à passagem dos duzentos anos do nascimento de Friedrich Engels e, ao mesmo tempo, viabiliza o acesso direto do público



luso-brasileiro (e dos outros países da nossa comunidade linguística) ao notável trabalho de *GM* – um intelectual que avançou do terreno do jornalismo à seara da história social, inscrevendo-se teórica e politicamente no marco do pensamento social-democrata<sup>[3]</sup>.

## 1

É preciso, logo na abertura desta brevíssima *apresentação*, fazer duas observações relativas ao que afirmamos no parágrafo precedente. A primeira diz respeito ao *caráter pioneiro* do trabalho de *GM*, resultado da ingente pesquisa que ele realizou aproximadamente entre 1913 e a entrada dos anos 1930 – tal caráter é enfatizado por todos os especialistas em F. Engels. De fato, até o fim da segunda década do século XX, quando *GM* concluiu o primeiro tomo da sua biografia de Engels, não se conhecia *nenhum* estudo sistemático sobre a vida e a obra do autor do *Anti-Dühring*: apenas circulavam depoimentos e sínteses informativas divulgados pela imprensa ligada ao movimento socialista, bem como evocações esparsas contidas no memorialismo de figuras que lidaram com Engels (aliás, não era muito diferente o cenário em que F. Mehring trabalhou para publicar a sua também grande e pioneira biografia de Karl Marx<sup>[4]</sup>). E tal estado de coisas praticamente pouco se modificou até quando *GM* deu por terminado o seu segundo tomo.

A observação seguinte é pertinente à qualificação da biografia mayeriana de Engels como obra *consagrada*: desde o momento em que veio a público, o trabalho de *GM* foi objeto de calorosa recepção entre acadêmicos e estudiosos situados nos mais diversos espaços do espectro teórico e político – recepção que tem resistido ao passar do tempo. Detenhamo-nos minimamente sobre esse aspecto, que decerto merece uma atenção menos epidérmica do que a que lhe dedicamos aqui.

Em 1935, Hans Speier, no que talvez tenha sido a primeira resenha elaborada por uma figura do mundo acadêmico, prognosticou que o



livro de *GM*

contribuirá para uma melhor compreensão da Alemanha, bem como das origens do socialismo. Permitam-me acrescentar que o livro também é um *monumento literário* à amizade ímpar entre Engels e Marx.<sup>[5]</sup>

Cerca de quinze anos depois, Maximilien Rubel, que logo se tornaria um respeitado marxólogo, escrevia, referindo-se expressamente à biografia de Engels preparada por *GM*:

Ao mesmo tempo que Marx encontrara em Mehring seu primeiro grande biógrafo, Engels o encontraria na pessoa de Gustav Mayer, *notável pesquisador e historiador*, que sabia usar criteriosamente as riquezas dos arquivos de Marx-Engels preservados pelo Partido Social-Democrata Alemão.<sup>[6]</sup>

Na segunda metade dos anos 1970, também o prestigiado acadêmico inglês G. Stedman Jones não hesitou em formular um juízo francamente elogioso ao livro de *GM*: “Engels foi objeto de uma das *melhores biografias eruditas do século XX*, a de Gustav Mayer, produto de uma pesquisa que durou mais de trinta anos e de um *conhecimento da história operária e socialista alemã do século XIX que não encontra paralelo*”<sup>[7]</sup>.

Quase à mesma época em que Jones assim se exprimia, aquele que muitos consideram um dos maiores historiadores marxistas do século XX, Eric J. Hobsbawm, lamentava que, por causa da ascensão de Hitler ao poder,

*a monumental biografia de Engels escrita por Gustav Mayer, uma obra caracterizada por extraordinária erudição*, teve de ser publicada em 1934 numa editora holandesa de exilados, permanecendo virtualmente desconhecida dos marxistas mais jovens da Alemanha Ocidental do pós-guerra até os anos [19]70.<sup>[8]</sup>

Vê-se, pela voz desta diminuta – mas escolhida por sua alta qualificação admitida quase unanimemente – amostragem intelectual, que a obra de *GM* sobre Engels tem sido objeto, ao longo de décadas, de



uma recepção de fato muito generosa e favorável. Aliás, no que concerne estrita e especificamente aos meios marxistas, nos quais a referência a ela é reiterada<sup>[9]</sup>, só um autor realmente importante a apreciou com reservas dignas de nota – David Riazanov – e o fez por razões que, a nosso juízo, não são inteiramente sustentáveis. É preciso que nos detenhamos rapidamente sobre este ponto.

David Riazanov (1870-1938) não se destaca no quadro da tradição marxista apenas por ter sido um profundo e competente estudioso de Marx e Engels, mas ainda pela sua importância como responsável pelo primeiro grande projeto editorial para reunir as obras de ambos, conhecido por *MEGA*, acrônimo de *Marx-Engels Gesamtausgabe* [Obras completas de Marx e Engels]<sup>[10]</sup>. Riazanov, seguramente, só conheceu o primeiro tomo (1920) da biografia preparada por *GM* e, provavelmente, não teve acesso a títulos do autor lançados posteriormente; lembre-se que, em janeiro de 1931, teve início o seu martírio político: exonerado da direção do Instituto Marx-Engels/IME, por ele fundado dez anos antes, foi preso e logo degredado para Saratov; em 1937, foi novamente preso e, no ano seguinte, executado por sicários a serviço de Stálin.

O juízo de Riazanov sobre a biografia de Engels por *GM* está expresso numa conferência de 1921<sup>[11]</sup>. Ei-lo, muito sumariamente: no respeitante à vida do jovem biografado, Riazanov assinala que “cabe reconhecer que Gustav Mayer tem méritos ao descobrir fatos importantes da vida de Engels até 1842”. Cuidando do labor intelectual de Engels à época da juventude, salienta o exame de partes d’*A ideologia alemã*, até então não publicada; avalia esse exame como o ponto alto do livro, afirmando que *GM* abordou com originalidade elementos do texto marx-engelsiano – mas critica a falta de indicações documentais precisas das passagens analisadas por *GM*, o que sinaliza, a seu ver, deficiências científicas que, provenientes da prática jornalística, comprometem o trabalho do historiador. E aponta o que lhe parece a razão de fundo das limitações que constata: *GM*



é um escritor burguês. Só recentemente ele se tornou social-democrata ou, mais exatamente, social-democrata nacional e alemão. Pela sua formação, ele é incapaz de compreender que o marxismo é uma doutrina filosófica e revolucionária. Na melhor das hipóteses, ele vê em Engels um bom patriota alemão.<sup>[12]</sup>

Algumas das reservas que Riazanov faz à parte da biografia de Engels publicada em 1920 até podem considerar-se procedentes, mas não são extensíveis ao *conjunto* da obra, completada no segundo tomo. E não é sustentável o que chamamos acima de “razão de fundo” – também e inclusive porque a posição social-democrata de *GM* era tudo, menos *recente*: vinha de meados da primeira década do século. Parece-nos que o viés *político* do juízo do comunista Riazanov decerto refletia imediatamente a conjuntura posta pela sangrenta repressão que segmentos da direita social-democrata (F. Ebert e G. Noske) comandaram contra a liderança espartaquista, culminando com o assassinato de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht em 1919 – evento que abriu um fosso então intransponível entre os social-democratas e os comunistas<sup>[13]</sup>.

Considerando estudos sobre a natureza do trabalho biográfico<sup>[14]</sup> e mais de um século de aproximações biográficas a Marx e a Engels, entendemos que o fato de não ser marxista (classificação ela mesma polêmica) não impede, em e por princípio, que um estudioso vinculado a uma perspectiva teórico-metodológica e ideopolítica diversa da de Marx seja capaz de oferecer da sua vida e da sua obra (e das de Engels) uma abordagem compreensiva e válida. É real a possibilidade de um biógrafo não marxista, superando com isenção científica e riqueza analítica limitações da sua perspectiva teórico-metodológica, *apreender, de modo fiel, a significação particular da vida e a essencialidade da obra do seu biografado* – desde que seja portador de substantiva bagagem cultural, opere com honestidade intelectual e dê provas de dedicação ao trabalho, rigor investigativo e paixão pelo seu objeto. *GM* reuniu esses requisitos e



atributos e demonstrou, na sua biografia de Engels, como essa possibilidade se realiza concretamente.

Isto posto, digamos algo sobre o próprio *GM* <sup>[15]</sup>.

## 2

*GM* nasceu, primeiro filho de uma família judia voltada para atividades comerciais, a 4 de outubro de 1871, em Prenzlau, pequena cidade do norte da Alemanha. Concluídos os seus estudos universitários (conforme indicamos na nota 3), em 1896 empregou-se no *Frankfurter Zeitung* [*Jornal de Frankfurt*], credibilizado periódico que circulou de 1856 a 1943, reportando temas econômico-financeiros. Como correspondente do jornal no exterior, *GM* trabalhou na França, na Holanda e na Bélgica – quando estabeleceu relações com destacados dirigentes políticos do movimento socialista reformista <sup>[16]</sup>. O casamento, em 1905, com a filha de uma família de posses <sup>[17]</sup>, propiciou-lhe condições para, sem abandonar completamente o jornalismo, dedicar um tempo cada vez maior à investigação da história do movimento operário alemão – ele inicia, então, as pesquisas (primeiro em Heidelberg, depois em Berlim) que haverão de torná-lo, com o passar dos anos, um dos mais reputados conhecedores dessa história.

O primeiro resultado expressivo dessas pesquisas vem a ser publicado em 1909: *Johann Baptist von Schweitzer e a social-democracia: uma contribuição à história do movimento operário alemão* <sup>[18]</sup>. Schweitzer (1833-1875) dirigiu por três anos, entre 1864 e 1867, o órgão oficial – *Der Socialdemokrat* [*O Social-Democrata*] – da Associação Geral dos Operários Alemães, fundada em 1863 por Ferdinand Lassalle (1825-1864); após a morte prematura de Lassalle, ele assumiu importante papel na organização que marcaria profundamente a evolução do proletariado alemão, numa complexa relação com a corrente marxista surgida depois. Nesse ensaio político-biográfico de 1909 já comparece o objeto central e



a linha diretriz do trabalho de historiador de *GM*, que se desenvolverá a partir de então: a constituição do movimento socialista alemão, com uma atenção e uma simpatia especiais em face da vertente social-democrata lassalliana. E, nos anos prévios à Primeira Guerra Mundial, *GM* avança em suas pesquisas e tematiza, com argúcia e erudição, num ensaio de 1912, *Os inícios do radicalismo político prussiano no pré-março*<sup>[19]</sup>.

Em 1914, recrutado pelas autoridades militares, *GM* é enviado para a Bélgica, onde presta serviços administrativos durante a ocupação. Naturalmente, a guerra interrompe as suas investigações, mas ele encontra condições para publicar um texto significativo – *O marxismo alemão e a guerra*<sup>[20]</sup>. Cessadas as operações bélicas e em meio à repressão das tentativas revolucionárias que sacodem o país, *GM* retoma suas pesquisas e logo procura ingressar na vida universitária: submete à Universidade de Berlim uma dissertação para habilitar-se a um posto na instituição; mesmo contando com o apoio de personalidades destacadas (nomeadamente H. Oncken – cf. a nota 16), seu ingresso foi impedido por um grupo de professores reacionários, com Dietrich Schäfer (1845-1929) à frente<sup>[21]</sup>. A oposição ao seu nome teve natureza nitidamente política: as convicções teóricas e ideológicas social-democráticas de *GM* despertavam fortes suspeitas nos segmentos tradicionalistas – apesar de ele, identificando-se com seus setores moderados e não-marxistas, jamais ter se filiado formalmente ao Partido Social-Democrata. Apenas em fins de 1919 ele foi admitido na Universidade e só em 1922 tornou-se professor associado da cadeira de História da Democracia e do Socialismo; mais tarde, foi nomeado membro da Comissão Histórica dos Arquivos do Império, na qual se contrapôs ao domínio dos militares na historiografia oficial.

Na entrada da década de 1920, a sua reputação de pesquisador de alta qualificação já era amplamente reconhecida, consolidada que fora com a publicação do primeiro tomo da biografia de Engels. Não por acaso, os criadores do Institut für Sozialforschung [Instituto de Pesquisa



Social], fundado em Frankfurt, em 1922-1923<sup>[22]</sup>, base da posteriormente famosa “Escola de Frankfurt”, quando tiveram que buscar o substituto do seu primeiro diretor recém-falecido, Kurt Gerlach (1866-1922), logo contactaram *GM*, que era o seu nome preferido. Mas *GM* não aceitou a proposta que lhe fez Félix Weil – e o sucessor de Gerlach acabou por ser o marxista Carl Grünberg (1861-1940)<sup>[23]</sup>.

Justamente a década de 1920 foi a mais produtiva e fecunda da vida intelectual de *GM* – então, ele pôde dedicar-se intensivamente às suas pesquisas históricas. Preparando-se para redigir o segundo tomo da biografia de Engels, *GM* examinou farta documentação, acessou fontes que até então dormitavam nos arquivos do Partido Social-Democrata em Berlim e, em 1928, em Moscou, quando esteve no Instituto Marx-Engels/IME (criado por Riazanov, como vimos páginas atrás), recolhendo informações de primeira mão através da sua interlocução com figuras proeminentes da teoria e do movimento socialistas – Karl Kautsky, Eduard Bernstein (cf. a nota 16) e Conrad Schmidt (1863-1932)<sup>[24]</sup>. Nesses anos 1920, contudo, *GM* não investigou exclusivamente materiais relativos a Engels – também deu prosseguimento à pesquisa centrada no processo constituinte da tendência social-democrata vinculada às atividades de Lassalle; é assim que pôde organizar os seis volumes da correspondência e de escritos de Lassalle e, ainda, um volume reunindo a correspondência e as conversações entre Lassalle e Bismarck<sup>[25]</sup>.

A chegada de Hitler ao poder obrigou *GM*, como a milhares de outros alemães – especialmente intelectuais, artistas, cientistas e militantes democratas da mais diversa coloração política, liberais, socialistas e comunistas – ao exílio. É certo que *GM* deixou a Alemanha em 1933, em condições financeiras muito difíceis e um dispositivo “legal” nazista logo impediu que judeus emigrassem sem pagar taxas altíssimas, ademais de perderem, no exterior, direitos adquiridos de pensões e fundos bancários. Não se conhecem detalhes da passagem de



*GM* e sua família, a mulher e os dois filhos, pela Holanda; mas sabe-se que, em 1936, estavam estabelecidos em Londres.

O exílio na Inglaterra marcou, para *GM*, a amarga etapa final de sua vida. Dominando mal o inglês falado, não pôde se fixar como docente na universidade – mas integrou-se na equipe de pesquisadores do IISH baseados em Londres e, sem receber remuneração, em atividades na London School of Economics<sup>[26]</sup>. E certo é que, no decurso do exílio, as condições financeiras da família Mayer asseguravam aos seus membros apenas uma existência muito modesta<sup>[27]</sup>.

Os vários depoimentos sobre o exílio de *GM* sugerem que ele se manteve como um *outsider* na Inglaterra. E não só por dificuldades de natureza econômica – estas pesaram, mas foram decisivas aquelas motivadas pela perda das condições mínimas de trabalho<sup>[28]</sup>, pelos informes das barbaridades operadas pelo nazismo, dos sofrimentos impostos aos trabalhadores alemães, do afastamento dos amigos que tiveram impedida a continuidade do seu trabalho e despedaçadas as suas vidas e, enfim, pelo drama que o atingiu diretamente – o suicídio do seu primogênito, em 1941. É fato que *GM* se empenhou esforçadamente para prosseguir seus estudos históricos, com ensaios enxutos e substantivas reflexões e apontamentos<sup>[29]</sup>. Contudo, para além das suas dores anímicas, o avanço na faixa dos setenta anos já cobrava o seu preço.

A conta derradeira foi resgatada a 21 de fevereiro de 1948, data da sua morte na Inglaterra.

### 3

Creio ser de valia para o leitor da obra de *GM* uma sinopse, mesmo que esquemática e pobre, do conteúdo da edição de 1934, para que ele possa referi-lo ao que encontrará na versão condensada de 1936.

A edição de 1934, nos treze capítulos que compõem o seu primeiro tomo, ocupa-se da vida e dos escritos de Engels do seu nascimento (28

de novembro de 1820) à sua chegada, na condição de exilado, a Londres (novembro de 1849) – cobre, pois, os 29 anos iniciais do biografado. Desses treze capítulos, os sete primeiros (I-VII) deixam salientes a erudição de que *GM* dispõe no trato da história política e cultural da Confederação Germânica e a originalidade da sua pesquisa, trazendo à luz elementos, à época ignorados, da precoce atividade intelectual de Engels (especialmente as suas primícias literárias e jornalísticas) e a relevância da sua correspondência, até então também pouco explorada, com amigos (os irmãos Graeber), familiares (em especial a irmã querida, Marie) e intelectuais. É notável a perspicácia de *GM* no rastreio das pistas que permitem dilucidar os dilemas religiosos, as opções literárias e as escolhas filosóficas do jovem Engels, assim como a sua evolução nesses domínios. A opção comunista de Engels – atendendo ao seu íntimo impulso para vincular pensamento e ação – é clarificada com a indicação das suas fontes alemãs (nomeadamente Feuerbach e Moses Hess, catalisadas pela leitura de Hegel) e o aprendizado proporcionado pela estância de 21 meses (1842-1844) na Inglaterra. Também é percuciente a análise que *GM* oferece da produção intelectual de Engels entre 1841 e 1844 – suas intervenções na imprensa cartista inglesa, na *Rheinische Zeitung* [Gazeta Renana] e nos *Deutsch-Französische Jahrbücher* [Anais Franco-Alemães], particularmente o ensaio “Esboço de uma crítica da economia política” e a sua análise de Thomas Carlyle.

Os capítulos seguintes (VIII-XIII) abordam os conturbados anos 1844-1849 – do início da amizade e da colaboração entre Marx e Engels à derrota da revolução alemã. Já para esse período, e será assim pelos que se referem aos anos posteriores a 1850, *GM* teve acesso a um elenco maior de fontes documentais já conhecidas, de modo que o pioneirismo da sua pesquisa original atenua-se em comparação com o exercitado nos capítulos precedentes. Mas é impressionante a massa de informações que, organizadamente, ele oferece ao seu leitor, com destaque para as deslocações, viagens e atividades político-militares de Engels pela



Alemanha, Bélgica e França. Igualmente, são preciosas as suas abordagens seja da intervenção engelsiana na *Neue Rheinische Zeitung* [*Nova Gazeta Renana*], seja do papel de Engels na preparação dos congressos da Liga dos Comunistas e na redação das obras marx-engelsianas daqueles anos (nomeadamente n' *A ideologia alemã*, mas ainda n' *A sagrada família* e no *Manifesto comunista*). As notações de GM sobre o processo revolucionário de 1848-1849 – e não só na Alemanha – são absolutamente fecundas e atestam o seu profundo domínio do material histórico pertinente ao movimento das classes sociais. E, no fecho desse capítulo, tem-se uma síntese esclarecedora das condições do refluxo revolucionário e da vaga restauradora que se lhe seguiu<sup>[30]</sup>.

O segundo tomo, bem mais substancial, elaborado em quinze capítulos, reconstitui a vida e a obra de Engels da chegada a Londres à sua morte (5 de agosto de 1895)<sup>[31]</sup>. De fato, todas as atividades de Engels – como industrial, político, teórico e publicista – foram minuciosamente examinadas por GM, que também apreendeu, com sensibilidade e espírito aberto, as suas relações pessoais e familiares. Nada de essencial da personalidade de Engels – na sua condição de indivíduo singular e de homem público – escapou à lupa do biógrafo, que, ele próprio, alcançava à época dos avanços da sua pesquisa a plena maturidade intelectual. O seguro domínio da história econômica e político-social da Europa na segunda metade do século XIX e do desenvolvimento, no seu marco, do movimento operário ofereceu a GM as bases factuais para acompanhar com cuidado e rigor o evoluir do pensamento e da ação de Engels nos anos que vão da derrota do processo revolucionário de 1848-1849 ao período de ascensão da social-democracia alemã.

Nas páginas desses quinze capítulos, muitíssimas delas verdadeiramente magistrais, registram-se desde as lições que a história impôs às ilusões engelsianas (e também de Marx) acerca da iminência de um momento revolucionário europeu subsequente a 1848-1849 às



expectativas diante das lutas irlandesas pela independência. Verifica-se a íntegra solidariedade de Engels a Marx – nos planos, ademais do financeiro, pessoal, intelectual e político –, solidariedade que era estendida a todos os que se viam perseguidos politicamente. Consigna-se a ampliação dos interesses científicos de Engels – que acabarão por envolver técnicas e estratégias da ação bélica, as ciências da natureza e as teorias políticas. Acompanha-se a evolução do seu pensamento em face das transformações geopolíticas em curso numa Europa que assiste à crise do bonapartismo francês, à experiência da Comuna, à emergência de uma Alemanha reunida sob o tácio imperial da Prússia e às tensões provindas de persistentes e inatendidas demandas por unidades nacionais (Itália, Polônia). Constata-se o seu renovado interesse por processos políticos ocorrentes nas periferias europeias (Turquia, Rússia) e na América do Norte. Enfatiza-se a sua atenção para com as mudanças organizacionais do movimento operário internacional (Associação Internacional dos Trabalhadores, Internacional Socialista) aos nascentes partidos operários de âmbito nacional e, em especial, no cenário alemão, com a constituição da social-democracia e a dinâmica dos seus debates internos. E sublinha-se o seu contributo para dar uma configuração formal-sistemática às ideias e teses formuladas em colaboração com Marx desde meados dos anos 1840.

Dessas páginas resulta o perfil de um revolucionário firme nas polêmicas políticas (o seu duro trato de Lassalle e de Bakunin, dos lassallianos e dos anarquistas) e teóricas (a crítica a Dühring) – e que, na defesa de princípios que lhe parecem indispensáveis para a vitória do projeto proletário, não poupa de crítica sequer provados camaradas de luta (Liebknecht). Mas que combina esses traços com a solicitude do revolucionário mais experiente no diálogo e no aconselhamento dos mais jovens. Resulta, enfim, o retrato de corpo inteiro de um homem que conviveu e colaborou por cerca de quarenta anos com um gênio, sem que jamais tenha alimentado o mínimo sentimento de inveja e/ou emulação



– antes estimulando, compreendendo e admirando a superioridade teórica do companheiro, com a plena consciência de que, como um *segundo violino*, possuía luz própria.

Não são exatamente estas as páginas que o leitor percorrerá adiante: já sabe este leitor que terá nas mãos – como se assinalou no segundo parágrafo desta *apresentação* (e na nota 2) – a versão condensada, com a chancela do próprio autor, da biografia de F. Engels publicada originalmente na Holanda em 1934. Esta não é a oportunidade para indicar o que formal e conteudisticamente as diferencia. Mas valem alguns poucos esclarecimentos.

As duas versões, a da edição de 1934 e a da condensada de 1936, carecem de indicações detalhadas e precisas das fontes bibliográficas originais de que *GM* retirou extratos e citações do seu biografado – indicações que caracterizam um procedimento formal relevante, que no século XX acabou por ser adotado de modo geral como exigência da escritura de corte acadêmico-científico<sup>[32]</sup>. Saliente-se, porém, um dado que não pode ser descartado na apreciação do trabalho de *GM*: *nenhum* de seus leitores qualificados identificou qualquer adulteração das formulações engelsianas citadas por ele; se há a possibilidade de discrepar das suas interpretações, nunca a sua *fidelidade* à letra de Engels foi posta em questão. E não se esqueça que muito dessa carência relaciona-se aos originais de Marx-Engels a que *GM* pôde recorrer, parte significativa dos quais ainda não tinham sido impressos e publicados ao tempo da elaboração da biografia; recorde-se que relevantes materiais marx-engelsianos só vieram a público com o lançamento, a partir de 1927, da *MEGA* projetada por Riazanov (sobre ela, cf. a nota 10)<sup>[33]</sup> – entre eles, bastante da sua correspondência e mesmo textos essenciais (como os d’*A ideologia alemã*), que só viram a luz em 1932 e a que *GM* teve acesso ainda na condição de manuscritos inéditos.

Está fora de discussão que a ponderável documentação autógrafa de Marx e de Engels tornada de conhecimento público depois que *GM*



concluiu a sua biografia de Engels permitiu aos pesquisadores o tratamento de textos, dados e informações que não estiveram ao alcance de *GM* <sup>[34]</sup>. Evidentemente, o domínio dessa documentação possibilitou – e continua possibilitando – aos especialistas e estudiosos de Marx e de Engels uma visão mais ampla e rica para a reconstrução histórica da vida e da obra de ambos que aquela com a qual *GM* operou; entretanto, os ganhos registrados com e na bibliografia divulgada depois de 1932 – ganhos realmente substanciais – *não anacronizaram* o trabalho de *GM*, nem lhe contestaram a sua condição de *biografia clássica* (tal como, de maneira similar, ocorreu com a biografia de Marx por Mehring). Como tal, ela permanece uma referência inarredável para a explicação e a compreensão da vida e da obra de Engels.

Sobressaem como traços garantidores da perdurabilidade referencial desta biografia tanto o seu método compositivo quanto os resultados a que chegou. *GM* não viu em Engels um *grande homem* que aparece na cena do movimento operário como *um deus ex machina*, nem, ao contrário, como um epifenômeno teórico-cultural desse movimento. O biógrafo demonstrou-se capaz de apreender a vida e a obra do seu biografado como um processo em que um sujeito singular constituiu-se como personalidade expressiva e representativa do seu tempo situando-se simultaneamente como ator e autor de sua história, recepcionando – através de mediações econômicas, sociais e culturais – os condicionamentos que lhe impunha a sua origem de classe e direcionando-se conscientemente para outra opção de classe; a particularidade desse sujeito constituiu-se como um *projeto* que transcendeu as suas determinações originárias ao incorporar idealmente determinações alternativas objetivamente possibilitadas pela sociedade em que ele se movia. Desse procedimento do biógrafo resultou a reconstituição da vida e da obra do biografado como uma unidade dinâmica: o Engels de *GM* aparece como *um homem em um desenvolvimento unitário, da infância à senectude* ; resultou um Engels



único e singularíssimo e, entretanto, no limite, na sua grandeza e nas suas limitações, inteiramente sociabilizado e historicizado. Em suma: *o biógrafo foi absolutamente fiel ao biografado*.

Um comentário final ainda cabe sobre o texto condensado em 1936 da biografia de F. Engels em face do texto de 1934. É dispensável sublinhar que, desta versão condensada (que, levando-se em conta o volume de páginas, contém aproximadamente pouco mais de um terço do material impresso em 1934), estão excluídas remissões histórico-políticas expressivas e muito do detalhamento factual, das eruditas referências culturais, da finura analítica e mesmo do apuro estilístico da obra de 1934. Parece evidente que, resumido, todo e qualquer texto revela perdas diante da sua grandeza original; mas é fato que esta versão compactada da biografia de F. Engels, se cotejada com a *opus magnum* que lhe deu origem, nada perdeu da sua *essencialidade* – nela também está realizada a *tarefa principal* a que *GM* entregou-se nos melhores anos da sua vida e que foi formulada por Goethe, mestre também nessa seara:

A tarefa principal da biografia é [...] descrever e mostrar o homem em suas relações com a época, até que ponto o todo [dessas relações] se lhe opõe ou o favorece, que ideias ele forma em resultado disso a respeito do mundo e da humanidade e – se é artista, poeta, escritor – de que modo as reflete.<sup>[35]</sup>

Por isto, e por tudo o mais, só nos cabe saudar o ingresso da obra de *GM* no repertório bibliográfico do nosso idioma, que é mesmo – valha o perdão pelo recurso ao que se tornou lugar-comum, porém verdadeiro – a última flor do Lácio.

*Recreio dos Bandeirantes/RJ,  
junho de 2020.*

---

[1] Desta já substantiva bibliografia, entre os títulos de caráter biográfico, destaque-se um brevíssimo rol de textos, tão expressivos quanto diferenciados, editados especialmente no



último meio século: Horst Ullrich, *Der junge Engels* (Berlim, Deutscher Verlag der Wissenschaften, 1961-1966), 2 v.; Heinrich Gemkow et al., *Friedrich Engels: Eine Biographie* (Berlim, Dietz, 1970); William Otto Henderson, *The Life of Friedrich Engels* (Londres, Routledge, 1976), 2 v.; David McLellan, *Engels* (Londres, Collins, 1977); Terrell Carver, *Friedrich Engels: His Life and Thought* (Londres, Macmillan, 1989); J. D. Hunley, *The Life and Thought of Friedrich Engels: A Reinterpretation* (New Haven, Yale University Press, 1991); John Rees (org.), *The Revolutionary Ideas of Frederick Engels* (Londres, Internacional Socialism, 1994); John Green, *Engels: A Revolutionary Life* (Londres, Artery, 2008). Dois bons livros encontram-se disponíveis em português: de Osvaldo Coggiola, *Engels: o segundo violino* (São Paulo, Xamã, 1995), e, de Tristram Hunt, *Comunista de casaca: a vida revolucionária de Friedrich Engels* (Rio de Janeiro, Record, 2010); há, ainda, a longa biografia, com larga base documental, mas com um viés hagiográfico evidente, elaborada por um coletivo de autores soviéticos: Vv. Aa., *Friedrich Engels: Biografia* (Lisboa/Moscú, Avante!/Progresso, 1986).

Materiais sobre aspectos determinados da biografia de Engels e/ou de suas ideias encontram-se em W. H. Chaloner e W. O. Henderson, *Engels as Military Critic* (Manchester, Manchester University Press, 1959); Karl Obermann e Ursula Herrmann, *Friedrich Engels und die Internationale Arbeiterbewegung* (Berlim, Akademie, 1972); Giuseppe Prestipino, *Natura e società: Per una nuova lettura di Engels* (Roma, Riuniti, 1973); Steven Marcus, *Engels, Manchester and the Working Class* (Londres, Weidenfeld & Nicholson, 1974); Martin Berger, *Engels, Armies and Revolution: The Revolutionary Tactics of Classical Marxism* (Hamden, Archon, 1977); Roman Rosdolsky, *Friedrich Engels y el problema de los pueblos "sin historia"* (México, Siglo XXI/Cuadernos de Pasado y Presente, 1980); Stephen H. Rigby, *Engels and the Formation of Marxism* (Manchester, Manchester University Press, 1992); Paul Blackledge, *Friedrich Engels and Modern Social and Political Theory* (Albany/Nova York, Suny Press, 2019). Para avaliações diversificadas de trabalhos de Engels, ver Christopher J. Arthur (org.), *Engels Today: A Centenary Appreciation* (Basingstoke, Macmillan, 1996), e Georges Labica e Mireille Delbraccio (orgs.), *Friedrich Engels, savant et révolutionnaire* (Paris, PUF, 1997).

Enfim, para referências biográficas e temáticas comuns a Marx e a Engels, refira-se, entre muitos trabalhos, O. J. Hammen, *The Red' 48ers: Karl Marx and Friedrich Engels* (Nova York, Scribners, 1969); L. I. Golman e V. E. Kunina (orgs.), *Karl Marx and Friedrich Engels: Ireland and the Irish Question* (Moscou, Progress Publishers, 1971); Jean Bruhat, *Marx-Engels* (Lisboa, Seara Nova, 1973); Auguste Cornu, *Carlos Marx. Federico Engels* (La Habana, Ed. de Ciencias Sociales, 1975-1976), 4 v.; Fernando Claudín, *Marx, Engels y la revolución de 1848* (Madri, Siglo XXI, 1975); Miklós Molnar, *Marx, Engels et la politique internationale* (Paris, Gallimard, 1975); Michèle Bertrand, *Le Statut de la religion chez Marx et Engels* (Paris, Sociales, 1979); William Otto Henderson, *Marx and Engels and the English Workers and other Essays* (Londres, Routledge, 1989); Sebastiano Timpanaro, *Sul materialismo* (Milão, Unicopli, 1997); Eric J. Hobsbawm, *Como mudar o mundo: Marx e o marxismo, 1840-2011* (São Paulo, Companhia das Letras, 2011); José Barata-Moura, *Marx, Engels e a crítica do utopismo* (Lisboa, Avante!, 2015); György Lukács, *Marx e Engels como historiadores da literatura* (São Paulo, Boitempo, 2016); Jürgen Herres, *Marx und Engels: Porträt einer intellektuellen Freundschaft* (Stuttgart, Reclam, 2018).



[2] *GM* redigiu e publicou a biografia de Engels em dois tempos e dois tomos: primeiro, ele deu à luz, com um prefácio datado de junho de 1919, a *Friedrich Engels in seiner Frühzeit* [Os anos de juventude de Friedrich Engels] (Berlim, Julius Springer, 1920); mais de uma década depois, concluiu o segundo tomo, prefaciando-o no “dia de S. Silvestre de 1932”, intitulado *Friedrich Engels und der Aufstieg der Arbeiterbewegung in Europa* [Friedrich Engels e a ascensão do movimento operário na Europa] e os reuniu num só volume, *Friedrich Engels: Eine Biographie* [Friedrich Engels: uma biografia]. O livro, com a chegada de Hitler à cabeça do Estado, não pôde ser lançado na Alemanha e saiu enfim por um editor de Haia (Martinus Nijhoff, 1934).

Poucos meses depois, no singelo prefácio firmado em 1935, *GM* autorizou a edição inglesa da “nova biografia”, sob a responsabilidade de Richard H. S. Crossman (1907-1974), desde então conhecida como “edição condensada”: *Friedrich Engels: A Biography* [Friedrich Engels: uma biografia] (Londres, Chapman & Hall, 1936); ademais de político influente, Crossman foi um escritor prolífico; dele está vertido ao português um de seus livros importantes: *Biografia do Estado moderno* (São Paulo, Ciências Humanas, 1980). Foi a partir dessa versão condensada – base de outras 28 edições em pelo menos três idiomas até 1970 – que a obra de Mayer tornou-se amplamente conhecida, até porque, depois da Segunda Guerra Mundial, poucas vezes a extensíssima edição original de 1934 foi retomada; quando o foi, somados, os seus dois tomos, sempre tiveram mais que setecentas e tantas páginas impressas (Köhl, Kiepenheuer und Witsch, 1971, 978 p.; Frankfurt, Ullstein, 1975, 978 p.; Lexington, Ulan Press, 2012, 788 p.; Sidney, Wentworth, 2018, 786 p.); uma edição em espanhol fez-se com 924 páginas (Madri, Fondo de Cultura Económica, 1979). Se a edição original de 1934 contava com 28 capítulos (13 no tomo 1, 15 no tomo 2 – reunidos num só volume), alguns bastante longos, a edição condensada apresentou-se com 24 capítulos bem mais breves.

[3] Como o próprio *GM* indica no belo livro publicado pouco depois de sua morte – *Erinnerungen: Vom Journalisten zum Historiker der deutschen Arbeiterbewegung* [Memórias: de jornalista a historiador do movimento operário alemão] (Zurique, Europa Verlag, 1949).

Cumpre salientar que *GM* preparou-se institucionalmente para tomar o rumo que deu sentido à sua vida: entre 1890 e 1893 dedicou-se aos estudos acadêmicos de Economia Política em Berlim – foi aluno de Gustav Schmoller (1838-1917) e de Adolph Wagner (1835-1917), dois “socialistas de cátedra” – e os finalizou com a tese de doutorado que defendeu, na Suíça (Basileia), sob a orientação de Georg Adler (1863-1908) e que se publicou em seguida: *Lassalle als Sozialökonom* [Lassalle como economista social] (Berlim, Mayer & Müller, 1894).

[4] A biografia de Marx por Mehring foi publicada (1918) pouco antes que o primeiro tomo da de Engels por *GM* – o clássico texto mehringuiano está disponível em vernáculo: Franz Mehring, *Karl Marx: a história de sua vida* (São Paulo, Sundermann, 2013). Antes do trabalho de Mehring, cite-se, de 1909, a tentativa de John Spargo (reproduzida em *Karl Marx: His Life and Work*, Londres, Forgotten Books, 2018).

[5] Hans Speier (1905-1990), sociólogo alemão, emigrou em 1933 para os Estados Unidos e aí prosseguiu sua carreira na docência universitária, aposentando-se em 1986 como professor da New School of Social Research (Nova York). A resenha de que se extraiu a



passagem citada [com itálicos meus – JPN] foi publicada em *Social Research* (Nova York, v. 2, n. 3, ago. 1935, p. 389).

[6] Maximilien Rubel (1905-1996), refinado estudioso da obra de Marx, foi o editor da obra marxiana reunida em quatro volumes da primorosa Bibliothèque de la Pléiade (Paris, Gallimard, 1965-1994); a citação feita aqui [com itálicos meus – JPN] foi extraída do seu artigo “Pour une Biographie monumentale de Karl Marx” (*La Revue Socialiste*, Paris, n. 40, out. 1950, p. 312).

[7] Gareth Stedman Jones, nascido em 1942, pertence ao corpo de professores/pesquisadores da Queen Mary University of London e é autor da recente biografia *Karl Marx: grandeza e ilusão* (São Paulo, Companhia das Letras, 2017). A citação aqui utilizada [com itálicos meus – JPN] extraiu-se do seu ensaio “Retrato de Engels”, em Eric J. Hobsbawm (org.), *História do marxismo*, v. I: *O marxismo no tempo de Marx* (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979), p. 377.

[8] Esta citação [com itálicos meus – JPN] de Eric J. Hobsbawm (1917-2012) extraiu-se do volume da *História do marxismo* citado na nota anterior (ibidem, p. 431). O mesmo texto, em tradução um pouco diversa, encontra-se também na coletânea de ensaios do autor intitulada *Como mudar o mundo: Marx e o marxismo, 1840-2011* (São Paulo, Companhia das Letras, 2011).

[9] Referência que se constata, apenas para indicar uns poucos nomes expressivos, em autores tão distintos como György Lukács, Karl Korsch, Auguste Cornu, Predrag Vranicki, Mario Rossi, Lucio Colletti e Jean Bruhat.

[10] De Riazanov está vertido ao português o seu trabalho *Marx-Engels e a história do movimento operário* (São Paulo, Global, 1984). Sobre Riazanov e seu projeto editorial (a primeira MEGA), ver o texto de H. E. Gama Cerqueira coligido em João Antonio de Paula (org.), *O ensaio geral: Marx e a crítica da Economia Política. 1857-1858* (Belo Horizonte, Autêntica, 2010), p. 13-32.

[11] Ver David Riazanov, “Communication sur l’héritage littéraire de Marx et Engels”, *L’Homme et la Société* (Paris, Anthropos, n. esp./150º aniversário da morte de Karl Marx, n. 7, jan./fev./mar. 1968), p. 255-68.

[12] Ibidem, p. 258.

[13] Ver Paul Frölich, *Rosa Luxemburgo: pensamento e ação* (São Paulo, Boitempo/Iskra, 2019), p. 263-307.

[14] Ver a bela síntese oferecida por Michael Heinrich em *Karl Marx e o nascimento da sociedade moderna*, v. 1: *1818-1841* (São Paulo, Boitempo, 2018), p. 399-419.

[15] Sobre GM, ver Jens Prellwitz, *Jüdisches Erbe, sozialliberales Ethos, Deutsche Nation: Gustav Mayer im Kaiserreich und der Weimarer Republik* [Herança judaica, ética social liberal, nação alemã: Gustav Mayer no Império e na República de Weimar] (Mannheim, Palatium, 1998), e Gottfried Niedhart (org.), *Gustav Mayer: Als deutsch-jüdischer Historiker in Krieg und Revolution. 1914-1920* [Gustav Mayer: historiador judeu-alemão na guerra e na revolução. 1914-1920] (Munique, Oldenbourg, 2009); ver, ainda, as sintéticas notações



sobre ele contidas em Hans-Ulrich Wehler (org.), *Deutscher Historiker* [Historiador alemão], v. II (Gottingen, Vandenhoech & Ruprecht, 1971), a contribuição de Wolfgang J. Mommsen a Hartmut Lehmann e James J. Sheehan (orgs.), *An Interrupted Past: German-Speaking Refugee Historians in the United States after 1933* [Um passado interrompido: historiadores de língua alemã refugiados nos Estados Unidos depois de 1933] (Washington/Cambridge, German Historical Institute/Cambridge University Press, 1991), e as observações de Gabriela A. Eakin-Thimme, *Geschichte im Exil: deutschsprachige Historiker nach 1933* [História no exílio: historiadores de língua alemã após 1933] (Berna, Peter Lang, 2005); vale, também, ver Gerhard A. Ritter (org.), *German Refugee Historians and Friedrich Meinecke. Letters and Documents, 1910-1977* [Historiadores alemães refugiados e Friedrich Meinecke. Cartas e documentos, 1910-1977] (Leiden/Boston, Brill, 2010).

[16] Entre os quais Jean Jaurès (1859-1914), grande tribuno popular, intelectual e líder do socialismo francês, e Émile Vandervelde (1866-1938), dirigente socialista belga – ambos representantes de correntes não marxistas.

Especialmente a partir da Primeira Guerra Mundial, o círculo de relações políticas de GM envolveu outros dirigentes socialistas importantes, como Karl Kautsky (1854-1938), Eduard Bernstein (1850-1932) e até mesmo Philipp Scheidemann (1865-1939), representante da ala da direita da social-democracia alemã. Dentre o relacionamento intelectual de GM, mencione-se o historiador, acadêmico e político liberal Hermann Oncken (1869-1945), perseguido pelos nazistas depois de 1935, e o influente crítico e historiador da arte Abraham (Aby) Warburg (1866-1929); anote-se que uma irmã de GM, Gertrud (1879-1974), casou-se em 1910 com Karl Jaspers (1883-1969) – donde as relações de GM com o filósofo existencialista alemão.

[17] GM casou-se em outubro de 1905 com Flora Wolff (1882-1963), companheira de toda a sua vida. Tiveram dois filhos: Peter Emmanuel Mayer (1907-1941) e Ulrich – prenome que abandonou na maturidade – Philip Mayer (1910-1995); o primogênito, durante o exílio da família na Inglaterra, suicidou-se; o segundo, concluindo seus estudos com um doutoramento em Oxford, tornou-se um respeitado antropólogo social.

[18] Gustav Mayer, *Johann Baptist von Schweitzer und die Sozialdemokratie. Ein Beitrag zur Geschichte der deutschen Arbeiterbewegung* (Jena, Gustav Fischer, 1909).

[19] G. Mayer, *Die Anfänge des politischen Radikalismus im vormärzlichen Preussen* – postumamente coligido no volume de ensaios (organizado por Hans-Ulrich Wehler) intitulado *Radikalismus, Sozialismus und bürgerliche Demokratie* [Radicalismo, socialismo e democracia burguesa] (Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1969).

Observe-se que o período da história sociopolítica da Alemanha que antecede à explosão revolucionária de março de 1848 é designado por *Vormärz* (pré-março).

[20] Idem, *Die deutsche Marxismus und der Krieg* (Tübingen, J. C. B. Mohr, 2016).

[21] Historiador que, *post mortem* e com Hitler no poder, foi reivindicado pelos nazistas como um dos seus precursores.

[22] Desde princípios de 1922, Félix Weil (1898-1975) movimentava-se para a criação do Instituto, contando com o apoio daquele que seria indicado para a sua direção, Kurt



Gerlach (1866-1922), um social-democrata que então era docente da Universidade de Frankfurt. Entretanto, o ato oficial da criação ocorreu a 3 de fevereiro de 1923 – ver Martin Jay, *La imaginación dialéctica: una historia de la Escuela de Frankfurt* (Madri, Taurus, 1974), cap. I; e Rolf Wiggershaus, *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política* (Rio de Janeiro, Difel, 2006), p. 46-53. Tanto Jay quanto Wiggershaus mencionam, nas suas páginas citadas, a importância, para a fundação do Instituto, da “Primeira Semana de Trabalho Marxista”, realizada no verão de 1922 (em Ilmenau, na Turíngia), que, entre seus participantes, contou com intelectuais do porte de György Lukács (1885-1971), Karl Korsch (1886-1961), Béla Fogarasi (1891-1959), Friedrich Pollock (1894-1970) e Karl August Wittfogel (1896-1988).

[23] Segundo Jay, as tratativas fracassaram porque *GM* considerou que o principal financiador do Instituto (F. Weil) não oferecia garantias de plena autonomia do organismo em face de seus patrocinadores; escreve o estudioso: “A primeira possibilidade [para substituir Gerlach] era Gustav Mayer, o renomado historiador do socialismo e biógrafo de Engels. Mas as negociações fracassaram, como recorda Mayer [o autor cita aqui um passo do livro de memórias de *GM*, referido na nota 3], em função das exigências formuladas por Weil [...] de controle total sobre a vida intelectual do Instituto” (o autor acrescenta que, de fato, Weil não exerceu tal controle – cf. Jay, op. cit., p. 34-5). Ver também Wiggershaus, op. cit., p. 53.

[24] Para a elaboração do primeiro tomo da biografia, ademais da colaboração de Eduard Bernstein, que lhe possibilitou o acesso a materiais inéditos de Engels, *GM* já colhera informes recorrendo a familiares ainda vivos do seu biografado, particularmente dois de seus sobrinhos.

Quando da edição integral da obra num só volume, os avanços da pesquisa de *GM* nos anos 1920 redundaram em pequenas alterações em quase todos os capítulos do primeiro tomo publicado – mas, como o próprio autor observou no prefácio redigido em 1932 para a obra em volume único, “a imagem global do jovem Engels” oferecida naquele primeiro tomo “não experimentou nenhuma modificação”.

[25] Ver respectivamente *Ferdinand Lassalle: Nachgelassene Briefe und Schriften* (Berlim, Deutsche Verlagsanstalt, 1921-1925) e *Bismarck und Lassalle. Ihr Briefwechsel und ihre Gespräche* (Berlim, J. H. W. Dietz, 1928). E, na década de 1930, a atividade de Lassalle continuou merecendo espaço na agenda de *GM* – como o prova o seu ensaio “Zum Verstaendnis der politischen Aktion Lassalles” [Entendendo a ação política de Lassalle] em *International Review for Social History* (Cambridge, Cambridge University Press, 1938, III); esse periódico vinculava-se ao International Institute of Social History/IISH (criado em 1935 e sediado em Amsterdã), com o qual *GM* estabeleceu fortes laços durante o seu exílio. Repare-se que, na produção de *GM* ainda dos anos 1920, há que lembrar os textos de *Aus der Welt des Sozialismus: Kleine historische Aufsätze* [Do mundo do socialismo: pequenos ensaios históricos] (Berlim, Weltgeist-Bücher, 1927).

[26] Há indicações de que o IISH, citado na nota anterior, deu várias mostras de solidariedade a *GM* nos seus primeiros tempos de exílio – depois, a sua biblioteca foi comprada pelo IISH e é nos seus arquivos que a maioria dos manuscritos e originais de *GM* está depositada. E cabe registrar que, também na London School of Economics, o



historiador alemão foi bem recebido; sobre essa importante instituição, ver Ralf Dahrendorf, *LSE: A History of the London School of Economics and Political Science, 1895-1995* (Oxford, Oxford University Press, 1995).

[27] Entre finais de 1936 e 1940, graças a gestões de Harold Laski (1893-1950, importante teórico e dirigente do Partido Trabalhista inglês), uma instituição de Nova York garantiu a *GM* um subsídio anual de 1.000 dólares; e um contraparente, o livreiro e bibliófilo Paul Gottschalk (1880-1970), obteve para ele, nos anos 1940, da Fundação Rockefeller, uma pensão anual de 300 libras – ver Carol Sicherman, *Rude Awakenings: An American Historians Encounters with Nazism, Communism and McCarthyism* [Ásperos despertares: encontros de historiadores americanos com o nazismo, o comunismo e o macartismo] (Washington, New Academic, 2012), parte 3, The Historians, “Gustav Mayer and his Family”.

A título de curiosidade para o leitor de hoje, registre-se que Harold Laski foi divulgado no Brasil nos anos 1960-1970 – dele saíram aqui *Introdução à política* (Rio de Janeiro, Zahar, 1964) e *O liberalismo europeu* (São Paulo, Mestre Jou, 1973), além da sua edição do marx-engelsiano *O manifesto comunista de 1848* (Rio de Janeiro, Zahar, 1967).

[28] Por longos meses, na entrada dos anos 1940, foi deslocado – como muitas outras pessoas idosas – de Londres para o interior (onde não pôde contar com bibliotecas, arquivos etc.), em função dos bombardeios a que a capital estava submetida.

[29] Ver, p. ex., o texto “Early German Socialism and Jewish Emancipation” [O antigo socialismo alemão e a emancipação judaica], publicado em *Jewish Social Studies* (Bloomington, Indiana University Press, v. 1, n. 4, out. 1939, p. 409-22), e os materiais e anotações que deixou inéditos sobre o movimento operário inglês, reunidos postumamente em John Breuilly, Gottfried Niedhart e Antony Taylor (orgs.), *The Era of the Reform League: English Labour and Radical Politics. 1857/1872* [A era da Liga da Reforma: o trabalho inglês e a política radical. 1857/1872] (Mannheim, Palatium, 1995).

[30] Os treze capítulos acima sumariados constituem os primeiros onze capítulos desta edição.

[31] O conteúdo desses quinze capítulos está compactado, nesta edição, nos capítulos XII-XXIV.

[32] Com efeito, em nenhuma das versões (1934 e 1936) da biografia encontramos notas bibliográficas minuciosas respeitantes às fontes – o que, como se viu, foi objeto da crítica de Riazanov. Quando *GM* faz referência direta a passagens de Engels, remete às fontes no correr do próprio texto. É de notar que também na clássica biografia de Marx elaborada por Mehring verifica-se a mesma carência.

[33] Observe-se que, já antes da *MEGA*, materiais de Marx-Engels que em suas vidas ficaram inéditos tinham sido editados – não podemos, aqui, nos deter sobre esse ponto. O que importa é assinalar que tais materiais nem de longe esgotam aqueles que *GM* pôde compulsar em suas pesquisas.

[34] Pense-se em materiais recolhidos, p. ex., na continuidade da edição da primeira *MEGA* ainda na década de 1930 ou noutros coligidos nos 41 volumes da edição *MEW*

(*KarlMarx-Friedrich Engels Werke*, Berlim, Dietz, 1956-1968) – para não referir aos constantes na *MEGA*<sup>2</sup> em curso (sobre esta, ver o artigo de L. de Deus, na mesma fonte citada na nota 10, p. 33-50, e Gerald Hubmann, “Da política à filologia: a *Marx-Engels Gesamtausgabe*”, *Crítica marxista*, Campinas, IFCH/Unicamp, 2012, p. 34).

[35] Johann W. Goethe, *Memórias: poesia e verdade* (São Paulo, Hucitec/Editora UnB, 1986), cap. I, p. 13 [modifiquei minimamente a tradução – JPN].



## PREFÁCIO

O “marxismo” tem sido caluniado e glorificado, criticado e popularizado, embora pouco se saiba sobre sua origem. É sabido que se desenvolveu a partir do trabalho conjunto de dois homens. Contudo, como regra, apenas um dos dois é lembrado: aquele que lhe deu o nome. A vida de Marx foi repetidamente tomada como objeto; mas, até recentemente, não existia uma biografia de Engels. Há dois anos publiquei uma em dois volumes em idioma alemão, na editora de Martinus Nyhoff, de Haia. Pela primeira vez foi possível usar materiais não impressos remanescentes dos dois amigos.

Esta nova biografia, que escrevi para o mundo anglófono, presta especial atenção ao fato de Engels ter passado a maior parte de sua vida na Inglaterra. Ela lida especialmente com o homem e o político, deixando o teórico em segundo plano. Mas também nos esforçamos para mostrar o ponto a que Engels tinha chegado ao tempo em que sua colaboração com Marx começou.

*Gustav Mayer*  
*Londres, 1935*



*F. Engels*



# I

## FAMÍLIA E MOCIDADE

À primeira vista, pouca coisa nas origens e no ambiente de Friedrich Engels sugere sua futura carreira: e isso se aplica a ele mais do que a qualquer outro homem que influenciou e dirigiu o movimento da classe trabalhadora alemã. Ele não pertencia a uma das classes oprimidas, como Marx e Lassalle. Sua família pode ser remontada a Wuppertal já no final do século XVI. Seus ancestrais parecem ter sido pequenos agricultores. A agricultura não lhes deu grande riqueza: então, como era costume no país, arrendavam seus campos como áreas de branqueamento para fiandeiros. Eram empreendedores instintivos, e o passo seguinte foi se envolver no comércio têxtil. Foi o bisavô de Friedrich Engels quem, na segunda metade do século XVIII, lançou as bases da futura prosperidade da família. Suas boas qualidades foram recordadas por muito tempo em Barmen, “a Manchester alemã”. Quando Gustav Kühne visitou a cidade em 1846, escreveu-lhe um elogio – não sem uma depreciação implícita de seu descendente degenerado. Kühne disse que o velho Engels foi o primeiro a conceber a ideia de assentar a multidão de trabalhadores sem teto que vagavam pelo país sem moradia ou propriedades próprias e de lhes dar casas e parcelas de terrenos na proporção de sua diligência e boa conduta. Como pagamento pelas propriedades, ele deduzia certa quantia de seus salários todas as semanas.

Seus filhos e netos mantiveram e aumentaram, com firme e prudente diligência, a prosperidade que o velho lhes legara. Afirmou-se que, em



1796, seu filho, Johann Caspar, construiu uma escola para os filhos de seus trabalhadores e que, na fome de 1816, ele estava à frente do Mutirão dos Cereais, cujo objetivo era fornecer comida barata às massas carentes de Barmen.

Após a morte de Johann Caspar, o negócio foi herdado por seus três filhos. Eles divergiram e decidiram escolher por sorteio qual deles continuaria o negócio. O sorteio resultou em um revés para Friedrich Engels pai. Ele então deixou a firma (que declinou gradualmente) e, com dois irmãos de sobrenome Ermen, abriu fiações de algodão – em Manchester em 1837 e em Barmen e Engelskirchen em 1841. Apesar de grandes dificuldades, conseguia fornecer a suas empresas alemãs máquinas inglesas superiores, que não eram usadas por seus concorrentes.

Em 28 de novembro de 1820, quando Friedrich Engels pai tinha 24 anos, sua esposa (então com 23) deu à luz seu filho mais velho: Friedrich Engels, o comunista. Ele herdou do pai não apenas uma mente viva e capaz, cheia de agudo senso crítico, mas também o temperamento alegre e amável que o distinguiu. Elise Engels, sua mãe, era uma mulher de percepções rápidas e forte imaginação: seu senso de humor era tão pronunciado que, mesmo na velhice, às vezes ria até as lágrimas lhe escorrerem pelo rosto. Ela pertencia a uma família acadêmica, que possuía pouco dos bens deste mundo, mas que percebia a importância da riqueza espiritual muito mais do que os comerciantes de Barmen.

Na Barmen daquela época, a pregação emocional da escola dos pietistas era muito mais estimada do que em qualquer outro lugar da Alemanha, e o pietismo atingia excessos contra os quais a natureza saudável de Friedrich logo se rebelou, com o que no início era uma aversão inconsciente. Ele era muito menos atraído pela sombria caça a heresias de Barmen do que pela alegre vida folclórica das classes trabalhadoras que vira em suas curtas excursões pelo Reno. Na casa de seus pais havia uma atmosfera fortemente religiosa, herdada das gerações

mais antigas; mas ao lado do sólido senso comum dos negócios. O espírito do trabalho saudável, profundamente enraizado no caráter da família e incentivado por sua religião, não podia deixar lugar para emocionalismo excessivo ou introspecção. O pai era um homem de crenças estritamente ortodoxas e educou seus filhos para considerarem que todas as palavras da Bíblia tiveram uma inspiração divina. Ainda assim, suas frequentes viagens à Inglaterra e a outros lugares lhe deram uma visão crítica e o mantiveram livre de preconceitos iliberais.

Temos escassas informações sobre a infância de Friedrich Engels. Ele era o mais velho de nove irmãos. Registros familiares enfatizam que sua natureza amável e caridosa apareceu cedo – muitas vezes doou todas as suas poupanças aos pobres. Até os catorze anos, frequentou a escola primária de Barmen. Transferiu-se então para o liceu de Elberfeld, considerado um dos melhores do reino da Prússia – embora se tenha dito que um professor ineficiente que pertencesse à religião reformada era preferido a um professor luterano ou católico.

Os pais de Friedrich desejavam educá-lo para ser obediente às convenções; mas uma carta que seu pai escreveu a sua mãe em 27 de agosto de 1835 nos permite ver o quão difícil isso lhes pareceu, embora o menino ainda não tivesse quinze anos. “Friedrich”, diz seu pai, “trouxe para casa relatórios medianos na semana passada. Como você sabe, suas maneiras melhoraram, mas, apesar de severas punições no passado, ele não parece estar aprendendo a obedecer sem questionamento, mesmo diante do medo do castigo. Hoje fiquei novamente irritado ao encontrar em sua escrivaninha um livro sujo de uma biblioteca de empréstimos, um romance do século XIII. Que Deus guarde o coração do menino, pois muitas vezes me pego preocupado com esse nosso filho, que, não fosse isso, seria tão cheio de promessas.”

O pai estava apreensivo sobre o futuro do filho. Ele via que o garoto tinha um talento considerável, mas já sentia que seus dons contradiziam as leis não escritas de sua família ordeira, convencional e piedosa. O



conflito ainda aparecia apenas em assuntos triviais – mas em quanto tempo isso se tornaria algo sério? Grandes diferenças de perspectiva estavam surgindo para afastar pai e filho.

O menino, inconscientemente, afastou-se daquelas convenções rígidas para cuja existência não via justificativa. Mas, de início, não pensou em se afastar dos ideais cristãos que o cercavam em Barmen em busca de satisfação de suas necessidades espirituais semirrealizadas. Em 1837, quando recebeu a confirmação pelo ritual pietista, ele ainda desejava sinceramente encontrar na fé tradicional de sua família a “calma alegria religiosa” pela qual ansiava. Aqui está o texto que lhe foi dado na confirmação: *esquecendo as coisas que estão para trás, e abraçando as coisas que vêm antes, eu vou em direção à marca para o prêmio do alto chamado de Deus em Jesus Cristo*. Essas palavras foram cumpridas, mas não como o clérigo que as escolheu tinha imaginado. No mundo exterior, Engels conquistou por si mesmo a satisfação espiritual que não pôde encontrar na fé seguida em sua casa.

Além da religião autoritária, havia outra força social que determinava o caráter da cidade natal de Engels. É verdade que seus primeiros pensamentos estiveram ocupados principalmente com a luta contra a intolerância pietista de seu lar. Mas os vislumbres que teve quando menino das misérias da classe trabalhadora tiveram um efeito infinitamente maior sobre seu desenvolvimento intelectual posterior.

O distrito tinha se industrializado desde muito cedo. Todos os dias, o menino ia à escola passando por fábricas onde trabalhadores em salas de teto baixo “respiravam mais fumaça e poeira do que oxigênio”, onde as crianças eram aprisionadas a partir dos seis anos de idade para serem “vítimas da exploração capitalista”; passando pelas casas de artesãos domésticos, curvados da manhã até a noite sobre os teares, as costas assando diante do forno quente; passando pelos “carregadores”, a escória do proletariado, miseráveis sem teto, cegados e arruinados por destilados baratos, dormindo em estábulos vazios ou sobre montes de esterco. Em

1876, Engels escreveu: “Lembro-me bem de que, quando eu tinha apenas vinte anos, destilados baratos apareceram de repente nos bairros industriais de Brandemburgo e no Baixo Reno. Especialmente no distrito de Bergisch, e sobretudo em Elberfeld-Barmen, a vasta massa da população trabalhadora caiu no alcoolismo. Todo dia, a partir das nove horas da noite, multidões de homens bêbados, de braços dados, ocupando toda a largura da rua, falando alto, cambaleavam de bar em bar e, finalmente, para casa”. Engels sempre foi um observador agudo, e percebeu o efeito da nova bebida sobre o excitável proletariado.

Todo o caráter da bebedeira tinha mudado. Beber já tinha sido um assunto alegre, que terminava em uma embriaguez agradável, e só de vez em quando em excessos e com canivetes sacados. Mas agora ela se degenerou em uma festa selvagem, que inevitavelmente termina em tumultos, sempre resultando em feridas de faca e, com cada vez mais frequência, em assassinatos. Os clérigos atribuem isso ao aumento do ateísmo, os advogados e outros filisteus culpam os bares. A verdadeira causa foi a inundação repentina do país com destilados baratos vindos da Prússia.

O garoto não conseguia se sentir um mero espectador de toda essa miséria. Ele era filho de um dono de fábrica. No início da juventude, ouvia conversas que expressavam o ponto de vista do empregador. Por muitos anos, antes de se tornar comunista ou mesmo de ter ouvido falar em comunismo, expressou a convicção de que as fábricas eram administradas “de maneira idiota” pelos proprietários, que os ricos donos de manufaturas tinham uma consciência muito elástica e que nenhum pietista iria para o inferno pela ruína de uma criança a mais ou a menos, “especialmente se ele fosse à igreja duas vezes aos domingos”.

Assim, muito mais do que Marx, na tranquila Trier, e Ferdinand Lassalle, no distrito economicamente pouco desenvolvido de Breslau, Engels conheceu desde a infância a real natureza do sistema fabril, pois seu lado mais sombrio, naqueles primeiros dias do capitalismo, era evidente. Ele cresceu em um mundo que lhe deu condições de mostrar a



seus compatriotas o primeiro retrato completo da força revolucionária do capitalismo à medida que avança em direção a seu pleno desenvolvimento.

Segundo a tradição da família de Engels, ele deveria estudar direito e ingressar no serviço público. Duas razões diferentes são dadas para explicar sua mudança de ideia. Segundo uma delas, seu pai se opôs a que Friedrich frequentasse a universidade e ordenou que o filho ingressasse no comércio, embora este não sentisse inclinação a isso. De acordo com a outra, o próprio Friedrich desistiu de estudar direito, pois tinha opiniões liberais e não queria ser um funcionário do governo prussiano. Parece-me que essas versões combinam verdade e falsidade, e que os fatos são bastante mais complexos. Quando Friedrich deixou a escola no feriado de São Miguel de 1837, um ano antes de seu exame final, o diretor disse em seu relatório de saída que ele “se via inclinado a adotar como carreira externa” uma vida de negócios, “apesar de seus planos anteriores de ir para a universidade”. Nessa fórmula, a ênfase está nas palavras “se via inclinado” e “carreira externa”. Aos dezessete anos, Engels considerava que sua carreira interior, a verdadeira, seria a literatura. Um jovem talentoso pode sentir que possui qualidades que ainda estão por desenvolver, uma força interior que logo alcançará sua plena expressão. Abandonará o controle de sua vida com resignação fatalista se forçado a fazer uma escolha prematura de uma carreira externa que não possa harmonizar com o chamado interno cujos comandos ele ouve com muito mais clareza. Seus poderes interiores estão lutando por livre desenvolvimento. Nessa luta, não pode contar com seu pensamento para moldar seu futuro distante. Essa deve ter sido a posição de Friedrich Engels. Embora a vida de escritor, sem a limitação da formação em uma disciplina definida, o atraísse fortemente, isso foi tornado impossível pela tradição familiar e pela inevitável oposição de seu pai. Seu jovem e ardoroso espírito deve ter se voltado avidamente de um lado para o outro antes que, por fim, resolvesse entrar nos negócios.

Mas, naqueles dias, uma carreira de negócios não condenava um homem capaz ao ritmo implacável da indústria dos tempos posteriores.

No início, Engels parece ter recebido treinamento em negócios na empresa de seu pai. Depois de um ano lá, pareceu desejável que ele continuasse em outro lugar. Seu pai ponderou longa e profundamente para onde deveria mandar Friedrich, a fim de melhorar seu conhecimento sobre sua vocação e – ainda mais importante – disciplinar seu caráter rebelde. Ele estava certo de que, independentemente de para onde fosse, tanto em seu novo lar como nos negócios, o filho deveria continuar exposto a ideias semelhantes às de sua família. Em Bremen, respiraria o mesmo ar religioso severo que em casa – talvez um pouco suavizado pela brisa do mar: ele ocupou uma vaga na residência do pastor Treviranus, onde moraria, e outra nos negócios de exportação do cônsul Leopold, como balconista não assalariado.

Numerosas cartas a sua irmã Marie e a antigos colegas de escola nos contam a vida de Friedrich em Bremen. Elas demonstram o soberbo senso de humor que o acompanhou por toda a vida, mas também apresentam uma imagem vívida e cativante das lutas internas do rapaz.

Ele não estava sobrecarregado de trabalho no escritório. Tão logo o gerente saía da sala, garrafas de cerveja e maços de cigarros – e mesmo um livro de poemas ou uma carta semiacabada – tomavam conta das mesas dos funcionários. Depois do almoço, Friedrich geralmente conseguia tirar uma hora para fumar e cochilar na rede que havia transportado para o último andar de um depósito. Ele passou muitas horas de folga fazendo exercícios físicos. Vemo-lo praticar esgrima com grande entusiasmo e cavalgar aos domingos na região em torno de Bremen; descobrimos que um dia ele atravessou o Weser a nado quatro vezes seguidas. A música – a única arte que realmente florescia na severa cidade comercial – frequentemente o prendia à noite: ele compunha peças para coral e era membro da associação do coral local. Também visitava a associação que era o ponto de encontro de todos os jovens



homens de negócio: lá ele podia conversar bastante com outros moços como ele – desfrutando talvez ainda mais porque os jornais ingleses e escandinavos que estavam por ali podiam satisfazer sua sede de conhecimento e exercitar seu dom excepcional para as línguas. Mesmo assim, nas cartas a sua irmã e a amigos, ele inseria frases em espanhol, português, italiano, holandês, francês e inglês macarrônicos: jocosamente, vangloriava-se de conseguir conversar em 25 línguas diferentes.

Nessa época, estava com dezoito anos de idade. Assim que saiu de casa, começou a pôr em ordem as novas opiniões que estava formando, as impressões que o invadiam, todas as suas inspirações poéticas. Era um escritor fluente, e corajosamente enviou essas primeiras produções para jornais e revistas. Elas eram tão vívidas e variadas, tão instintivas e tão cheias de pensamentos poderosos que, embora seu autor fosse desconhecido, poucas vezes eram recusadas. Ainda mais forte que o desejo de ser um grande escritor era o de acertar contas com o espírito religioso que havia oprimido sua infância. Ele fez isso em março e abril de 1839, no *Telegraf für Deutschland* de Karl Gutzkow. Engels usou o pseudônimo de Friedrich Oswald e manteve seu disfarce oculto de sua família por muitos anos. *Cartas de Wuppertal* fez grande sucesso em Elberfeld e Barmen: os cidadãos quebravam a cabeça para adivinhar o nome de seu autor. Ninguém pensou no filho do industrial que era um membro tão respeitável da igreja.

Engels tinha toda a alegria da Renânia. Apesar de seu amor pelo dialeto do norte da Alemanha, achou difícil fazer amizade com os “terrivelmente formais” burgueses hanseáticos. Achava que a perspectiva deles não era menos “obscura” e “mística” do que a de sua cidade natal. Dentre as coisas novas que viu em Bremen, a mais interessante foi a vida no porto – o transporte marítimo, o comércio exterior e o fluxo de emigrantes. Quando viu um navio de emigrantes saindo do porto de Bremen, ele refletiu profundamente sobre as razões que levavam tantos

robustos cidadãos alemães a tomarem a difícil decisão de abandonar sua pátria para sempre. Sua consciência social latente se agitava quando via homens, mulheres e crianças, doentes e mal alimentados, amontoados como arenques entre os conveses.

Logo percebeu que os conflitos políticos daquela aristocracia mercantil eram na verdade conflitos sociais. A política de Bremen produzia muito barulho por nada. Isso o convenceu de que estados tão pequenos não tinham mais nenhuma justificativa para sua existência. Mais tarde, ele só pôde simpatizar com países grandes.

Assim que chegou a Bremen, começou a fazer o que era impossível em casa – ler e refletir sobre as opiniões dos autores contemporâneos. Entregou-se livremente às novas impressões que recebia deles. Mas seu senso crítico foi logo despertado. Aprendeu a descobrir o que lhe poderia ser útil mesmo em obras cujas fraquezas e absurdos ele via claramente. Encontrava o caminho de um autor ao outro, localizava os antecessores de um novo escritor que lhe interessava, a menor indicação era suficiente para seu gosto sensível. Dessa maneira, descobriu os dois homens que seriam seus mestres por alguns anos. Com Gutzkow aprendeu sobre o mestre deste, Ludwig Börne; e por meio de David Friedrich Strauss acabou sob a influência de Hegel, o que significaria muito mais para ele. Foi seu estudo de Hegel que lhe permitiu, depois de rejeitar a segurança de sua religião doméstica, seguir caminho em direção a uma crença nova e positiva.

A fé de Engels na inspiração divina das Escrituras foi, como a de incontáveis contemporâneos seus, abalada cada vez mais profundamente à medida que refletia sobre *A vida de Jesus*, de Strauss. Em casa, ele tinha conhecido apenas o aspecto mais rigidamente ortodoxo da religião. Por essa razão, uma enxurrada de dúvidas deve ter varrido sua mente no momento em que foi levado a perceber que os homens, assim como Deus, tinham desempenhado seu papel na criação da Bíblia. Strauss o convenceu de que as contradições óbvias nas Escrituras tornavam total-



mente insustentável a hipótese de sua inspiração verbal por Deus. Assim que seu intelecto claro dominou esse pensamento, ele foi apanhado no redemoinho da disputa teológica e filosófica alemã. Viu na teologia especulativa uma possível satisfação para sua necessidade de um apoio firme e que, nela, apenas Strauss e a ala de esquerda da escola hegeliana poderiam levá-lo à certeza que desejava. Ele estava intoxicado pelo Deus imanente deles.



N. 659



330

Im Jahre 1807, am 26. März, um 10 Uhr, ist  
Friedrich Engels, Sohn des  
Friedrich Engels, geboren in  
Breslau, in der Provinz Schlesien.  
Der Vater, Friedrich Engels, ist  
ein Kaufmann in Breslau.  
Der Name des Kindes ist  
Friedrich Engels.

Gezeugt  
von Friedrich  
Engels  
am 26. März  
1807

Ich, der Unterzeichnete, bin  
Zeuge des Gebens dieses Kindes.  
Ich bin der Vater des Kindes.  
Ich bin der Vater des Kindes.  
Ich bin der Vater des Kindes.  
Ich bin der Vater des Kindes.

Zeugen bei dieser Geburt waren:  
Der 1. Zeuge, Herr ...  
Der 2. Zeuge, Herr ...  
Der 3. Zeuge, Herr ...  
Der 4. Zeuge, Herr ...  
Der 5. Zeuge, Herr ...  
Der 6. Zeuge, Herr ...  
Der 7. Zeuge, Herr ...  
Der 8. Zeuge, Herr ...  
Der 9. Zeuge, Herr ...  
Der 10. Zeuge, Herr ...  
Der 11. Zeuge, Herr ...  
Der 12. Zeuge, Herr ...  
Der 13. Zeuge, Herr ...  
Der 14. Zeuge, Herr ...  
Der 15. Zeuge, Herr ...  
Der 16. Zeuge, Herr ...  
Der 17. Zeuge, Herr ...  
Der 18. Zeuge, Herr ...  
Der 19. Zeuge, Herr ...  
Der 20. Zeuge, Herr ...  
Der 21. Zeuge, Herr ...  
Der 22. Zeuge, Herr ...  
Der 23. Zeuge, Herr ...  
Der 24. Zeuge, Herr ...  
Der 25. Zeuge, Herr ...  
Der 26. Zeuge, Herr ...  
Der 27. Zeuge, Herr ...  
Der 28. Zeuge, Herr ...  
Der 29. Zeuge, Herr ...  
Der 30. Zeuge, Herr ...  
Der 31. Zeuge, Herr ...  
Der 32. Zeuge, Herr ...  
Der 33. Zeuge, Herr ...  
Der 34. Zeuge, Herr ...  
Der 35. Zeuge, Herr ...  
Der 36. Zeuge, Herr ...  
Der 37. Zeuge, Herr ...  
Der 38. Zeuge, Herr ...  
Der 39. Zeuge, Herr ...  
Der 40. Zeuge, Herr ...  
Der 41. Zeuge, Herr ...  
Der 42. Zeuge, Herr ...  
Der 43. Zeuge, Herr ...  
Der 44. Zeuge, Herr ...  
Der 45. Zeuge, Herr ...  
Der 46. Zeuge, Herr ...  
Der 47. Zeuge, Herr ...  
Der 48. Zeuge, Herr ...  
Der 49. Zeuge, Herr ...  
Der 50. Zeuge, Herr ...  
Der 51. Zeuge, Herr ...  
Der 52. Zeuge, Herr ...  
Der 53. Zeuge, Herr ...  
Der 54. Zeuge, Herr ...  
Der 55. Zeuge, Herr ...  
Der 56. Zeuge, Herr ...  
Der 57. Zeuge, Herr ...  
Der 58. Zeuge, Herr ...  
Der 59. Zeuge, Herr ...  
Der 60. Zeuge, Herr ...  
Der 61. Zeuge, Herr ...  
Der 62. Zeuge, Herr ...  
Der 63. Zeuge, Herr ...  
Der 64. Zeuge, Herr ...  
Der 65. Zeuge, Herr ...  
Der 66. Zeuge, Herr ...  
Der 67. Zeuge, Herr ...  
Der 68. Zeuge, Herr ...  
Der 69. Zeuge, Herr ...  
Der 70. Zeuge, Herr ...  
Der 71. Zeuge, Herr ...  
Der 72. Zeuge, Herr ...  
Der 73. Zeuge, Herr ...  
Der 74. Zeuge, Herr ...  
Der 75. Zeuge, Herr ...  
Der 76. Zeuge, Herr ...  
Der 77. Zeuge, Herr ...  
Der 78. Zeuge, Herr ...  
Der 79. Zeuge, Herr ...  
Der 80. Zeuge, Herr ...  
Der 81. Zeuge, Herr ...  
Der 82. Zeuge, Herr ...  
Der 83. Zeuge, Herr ...  
Der 84. Zeuge, Herr ...  
Der 85. Zeuge, Herr ...  
Der 86. Zeuge, Herr ...  
Der 87. Zeuge, Herr ...  
Der 88. Zeuge, Herr ...  
Der 89. Zeuge, Herr ...  
Der 90. Zeuge, Herr ...  
Der 91. Zeuge, Herr ...  
Der 92. Zeuge, Herr ...  
Der 93. Zeuge, Herr ...  
Der 94. Zeuge, Herr ...  
Der 95. Zeuge, Herr ...  
Der 96. Zeuge, Herr ...  
Der 97. Zeuge, Herr ...  
Der 98. Zeuge, Herr ...  
Der 99. Zeuge, Herr ...  
Der 100. Zeuge, Herr ...

Certidão de nascimento de Engels.



## II

### ENTRADA NA POLÍTICA

Na década de 1830, havia um fio comum que passava por tudo que dizia respeito à vida espiritual da Alemanha e a excitava cada vez mais: onde quer que as opiniões se confrontassem, a guerra a favor ou contra a autoridade manifestava-se ferozmente. Os conservadores que controlavam o país tinham aprendido com a Revolução Francesa que a revolta contra a autoridade – na sociedade, na política e na Igreja – afetava os detentores de autoridade de todo o país. O Congresso de Viena teve sucesso em restabelecer a antiga ordem europeia e confirmar a influência das antigas autoridades em cada país. Logo após 1815, as forças da revolução começaram a forçar as correntes de ferro que as prendiam com uma violência que surpreendeu e aterrorizou os governantes. A segurança do conservadorismo não poderia ser arriscada uma segunda vez: as determinações do Congresso, como uma rocha gigantesca, bloqueavam o caminho para a destruição. Manter o *status quo* em todas as esferas da vida e conduta tornou-se o propósito e o objetivo da política prussiana e austríaca.

O primeiro artigo do credo conservador era a absoluta interdependência de todas as formas de autoridade existentes. E o parágrafo mais urgente desse artigo era a aliança inabalável entre Igreja e Estado. Para a manutenção da ordem no mundo, um governante todo-poderoso no céu era tão indispensável quanto um monarca absoluto na terra. Foram criadas fórmulas para que as duas autoridades pudessem

apoiar-se mutuamente – fórmulas que implicavam sua completa interdependência. Assim, os políticos e filósofos do movimento romântico foram levados, por sua reação contra o Estado dirigido pela burocracia racionalista iluminista, ao dogma ameaçador do Estado cristão.

Mas, agora, os elementos oprimidos da Confederação Alemã tinham percebido a unidade essencial da autoridade em todas as esferas da vida humana. Ortodoxia religiosa rígida, monarquia absoluta e aristocracia – todas estavam ligadas por interesses comuns. Era claro também que havia uma comunhão de objetivos entre todos aqueles que se esforçavam para preencher a grande distância que separava os governantes e as classes subalternas.

Por dez anos após a morte de Goethe e Hegel, o interesse da Alemanha ocupou-se mais ativamente com problemas de filosofia e religião. De tempos em tempos, entre essas questões, emergiam problemas sociais isolados. Mas qualquer interesse declarado por política era impossível: os jornais não tinham permissão para publicar artigos políticos e as associações e reuniões políticas eram proibidas. A atitude reacionária dos governos em relação às demandas do liberalismo levou os jovens da Alemanha a adotar em massa crenças radicais. Na literatura e em discussões teóricas, eles forjaram as armas com as quais esperavam atacar e superar a autoridade do Estado e da Igreja. A criação de partidos políticos era então, e por muitos anos depois, uma impossibilidade. Mas a beligerância da juventude exigia alguma forma de organização ativa, e a encontrou na formação de grupos literários e filosóficos. Daí surgiram os movimentos conhecidos como “Jovem Alemanha” em literatura e “Jovem Hegelianismo” em filosofia. Juntamente com o liberalismo da Prússia Oriental, proveniente da escola de Kant, e o da Renânia, que expressava as reivindicações da região industrial mais desenvolvida do reino, esses foram os verdadeiros precursores espirituais da revolução da classe média. Engels pertenceu aos dois primeiros movimentos.



A princípio, admirava o movimento Jovem Alemanha em literatura – ele o chamou de “a rainha das letras modernas”. O movimento lhe apresentou ideais contemporâneos em sua forma mais nova, e seu estilo picante e mundano produzia um contraste espantoso com a devoção açucarada à qual se acostumara em casa. Ele sonhava em pregar por meio da poesia as novas ideias que estavam revolucionando seu mundo interior; mas depois foi conquistado pelo impulso de agir. Juntou-se às fileiras dos outros, daqueles que se dedicavam a provocar “o dia da grande decisão”. Engels admirava o movimento Jovem Alemanha por defender as reivindicações de uma geração jovem contra a submissão política e social da geração anterior a 1830. Mas, embora tivesse se juntado orgulhosamente à fileira dos escritores do Jovem Alemanha, ele foi obrigado a admitir que as reais necessidades de seu espírito teriam que ser satisfeitas em outro lugar. Com sua ânsia por companhia, tanto na sociedade quanto na vida intelectual, muitas vezes, desde que passou a se interessar pela vida pública, desejou um verdadeiro camarada de armas, alguém que o guiasse no estranho labirinto da vida contemporânea. Nos círculos do Jovem Alemanha ele não encontrou ninguém que atendesse a essas condições. A desilusão aumentou com seu crescente interesse por política. Quando leu os trabalhos de Karl Ludwig Börne (que falecera recentemente), percebeu a covardia do grupo.

A geração mais jovem, em sua demanda por ação real e convicção forte, tinha se afastado de Heine por conta daquela perspectiva individual que o elevava acima do partido. Börne era o homem seguido por seus corações. Onde mais na Alemanha poderia ser encontrada outra alma tão independente, tão decididamente política, apegada tão cegamente a suas opiniões e capaz de dedicar todos os seus dons literários com um abandono tão altruísta para apoiar novas ideias contra a classe dominante? Engels o considerava o melhor intérprete possível das ideias políticas do radicalismo ocidental. Em cartas e ensaios de 1839 a 1842, nunca se cansa de elogiar Börne como um “heroico lutador pela

Liberdade e pela Justiça”, o homem que tinha fortalecido e elevado a nação durante a tenebrosa década de 1830. Ele posicionava Börne ao lado de Lessing como escritor, e Börne significava tanto para ele em política quanto Hegel significava em filosofia. À medida que avançava rumo ao hegelianismo, ele sentia que a tarefa da época era “a síntese de Hegel e Börne”, a mediação entre conhecimento e vida, entre filosofia e tendências modernas.

Engels agora via a história das décadas anteriores à luz de suas convicções republicanas: não a via com mais imparcialidade do que Börne; e, com as opiniões revolucionárias de Börne em seu coração, desprezava os grandes da terra. Sua irmã Marie escreveu de um internato de alta classe, com orgulho de estudante, para contar ao irmão que tinha sido apresentada à grã-duquesa de Baden. Isso não foi bem recebido. Friedrich demonstrou todo seu desapontamento ao responder: “Quando você for apresentada a outra dessas notabilidades, escreva e me diga se ela é bonita ou não. Não tenho outro interesse em tais pessoas”.

Podemos vislumbrar a mente do rapaz de vinte anos se lermos seu ciclo poético *Um entardecer*. Ele o publicou no *Telegraf* em agosto de 1840, sob o mote característico “O amanhã virá” – tomado de Shelley, a quem estava tentando traduzir. De todos os versos sobreviventes de Engels, esse trabalho apresenta o selo mais forte da poesia. Encontramos o jovem ao pôr do sol no jardim de uma paróquia à beira do rio Weser. As tragédias de Calderón estão abertas diante dele. A luz do entardecer desperta nele a ânsia por aquele amanhecer com o qual sonha, o amanhecer da liberdade que transformará o mundo inteiro em um jardim radiante. Nessa fantasia, o futuro apóstolo da guerra de classes nos mostra o amor como o elo entre todos os homens – todos os homens são membros de uma família espiritual; e ele pode louvar a paz que um dia abrangerá toda a humanidade. Mas já sente que é necessário que, sempre que “a flâmula da Liberdade acenar”, os navios carreguem grãos “que cresçam para a felicidade humana” e “não mais bens para o lucro



solitário”. Certamente, esse pensamento ainda está em segundo plano, por trás dos sonhos de paz e liberdade e da mais pura fé em Deus; no entanto, trata-se de uma indicação de que Engels já tinha compreendido as imperfeições da ordem econômica existente. Os ideais do sansimonismo apresentados a ele pelo Jovem Alemanha já tinham fincado raízes em seu coração. O ensaio sobre Ernst Moritz Arndt que publicou no *Telegraf* de fevereiro rejeita a ideia de propriedade implícita no sistema de morgadio, com a observação de que ele “não se encaixa mais nas ideias modernas”. Enquanto isso, poucas consequências importantes poderiam ser esperadas dos pensamentos do jovem poeta enquanto procurava nas nuvens “antes do nascer do sol” a vida por vir. Quando espera pelo “colapso” do antigo regime, ele ainda está pensando na servidão do intelecto. Está travando a batalha de Börne como um livre-pensador contra os sacerdotes, como um democrata contra nobres e príncipes, como um republicano contra a monarquia. Ele ainda não suspeita que esses grandes conflitos um dia lhe parecerão elementos subsidiários de um combate ainda maior.

### III

## SERVIÇO MILITAR. OS JOVENS HEGELIANOS

O governo de Frederico Guilherme III designou alguns hegelianos para cadeiras de professor, porque a escola de Hegel atribuía mais importância ao Estado do que qualquer outra ao longo de dois mil anos. O próprio Hegel conseguira disfarçar as armadilhas em suas especulações sob os símbolos da cristandade. Sua escola, portanto, pouco se importava se a religião ortodoxa encontrasse impropriedades teológicas na concepção de Deus de Hegel. A burocracia prussiana não mantinha opiniões muito rigorosas sobre esse assunto, uma vez que suas posições de autoridade eram preenchidas por homens treinados no espírito do kantismo e do Iluminismo. Porém, passou-se a dar mais atenção às advertências dos escritores reacionários depois que *A vida de Jesus*, de Strauss, demonstrou que os hegelianos de esquerda não acreditavam mais na inspiração absoluta da Bíblia. Desde 1838, Arnold Ruge tornara o *Hallische Jahrbücher* [Anais de Halle] um ponto de encontro para todos que, na teoria ou na prática, se esforçavam para libertar o espírito do homem da dominação desmedida dos poderes sobrenaturais.

A importância do jovem hegelianismo era política e não filosófica. A geração jovem usava suas ideias como armas na luta contra o dualismo na Igreja e no Estado. A doutrina de Hegel de que mesmo as estruturas de pensamento estão sujeitas à lei do desenvolvimento foi logo (como notou Engels) posta à prova em sua própria filosofia. Ele se deixara desorientar pelo tímido período de reação, passando a atribuir um caráter absoluto a



*image  
not  
available*

máxima de que “a espada da inspiração é tão afiada quanto a espada do gênio”. E se tinha algo da audácia de Davi ao enfrentar seu Golias, tinha também uma fé gigante na vitória de sua boa causa.

Em 1842, Engels publicou, em curto intervalo, dois panfletos anônimos contra Schelling. No primeiro, falou das profundezas de sua convicção pessoal. No segundo, usou o disfarce de um pietista – ele queria que Schelling fosse comprometido aos olhos do mundo filosófico porque um autodeclarado pietista o exaltou aos céus. No entanto, o primeiro panfleto é muito mais importante. Seu título era *Schelling e a revelação*, e por muitos anos pensou-se que era um trabalho de Bakunin.

Com a publicação desses panfletos, Engels rompeu os últimos laços que o ligavam à fé de sua infância e de seus pais. Ainda havia um longo caminho a percorrer antes de chegar a sua visão final do mundo e da história. No entanto, aqui, pela primeira vez, podemos ver os fundamentos dessa visão. Engels acusa Schelling de compreender toda a história do mundo apenas como uma série de eventos exteriores e fortuitos, nos quais apenas a mão de Deus evita o mal. Schelling, diz ele, não vê Deus como Hegel o via, no desenvolvimento da espécie humana.

A essa altura, Engels sabia que era ateu. Mas transmitiu parte do antigo fervor religioso ao culto à história. “A Ideia” era para ele ainda tão carregada com as emoções que nascem da experiência religiosa que, quando Feuerbach o guiou da adoração a Deus à adoração à sociedade humana, tal transição lhe pareceu feliz em vez de dolorosa. A Ideia apareceu para ele sob uma luz sobrenatural. Consequentemente, quando seu céu ardeu em chamas, isso não lhe soou como uma perda: estava bastante agradecido por, das cinzas de sua antiga fé, ter surgido uma nova fé na humanidade. Ele ainda não suspeitava que, se seguisse Feuerbach, encontraria a perfeição da Ideia no mundo cotidiano das relações humanas.

Engels era agora um dos radicais mais ousados entre “Os Livres”. Pouco antes de ele chegar a Berlim, um jovem estudioso que se mostrara



*image  
not  
available*

## IV

### RUMO AO COMUNISMO

Engels viu diante de si um claro caminho que ia do ataque ao princípio da autoridade até a revolucionarização do mundo real. Viu esse caminho e reconheceu que ele tinha sido aberto por Feuerbach com a dissolução da ideia especulativa. Mas ainda levaria algum tempo até que Engels visse o comunismo como o núcleo da nova perspectiva realista. Temos apenas algumas declarações suas para mostrar os estágios pelos quais ele passou até a conclusão desse processo.

Os jovens revolucionários da filosofia alemã foram convocados por Feuerbach a renunciar não apenas ao cristianismo, mas a qualquer religião. E a abolição de Deus e da imortalidade levou Feuerbach a conclusões ainda mais importantes. Ele elevou a força de vontade e a riqueza de coração ao nível de pensamentos. Não via mais o homem simplesmente como um ser pensante: a ação sempre foi para Engels o ponto culminante da vida, e era a ação que agora tinha uma ressurreição gloriosa na filosofia de Feuerbach.

Pouco tempo antes da publicação de *A essência do cristianismo*, de Feuerbach, um notável livro chamado *Die europäische Triarchie* [A triarquia europeia] havia aparecido. Seu objetivo era traçar um caminho ainda mais direto ao coração do problema da ação. Feuerbach ignorara as questões sociais; mas, nesse livro, Moses Hess tentou desviar a atenção da Alemanha da filosofia para os problemas reais da sociedade.



*image  
not  
available*

diariamente a caminho da escola despertaram sua consciência social de uma vez por todas. Devemos recordar os gritos de piedade que escaparam do jovem, a amargura com que ele criticou a exploração de crianças e a escravidão de homens e mulheres. Assim, torna-se fácil entender como essas memórias o incendiaram com o fogo da revolução tão logo ouviu (no verão de 1842) que os trabalhadores explorados de Lancashire tinham convocado uma greve geral. Parecia que a profecia de Hess sobre a Inglaterra estava sendo cumprida à risca. Engels deve ter visto como um presente da sorte o fato de seu pai ser sócio de uma fábrica em Manchester. Ele decidiu visitar o centro da tempestade tão logo foi liberado do serviço militar.

Em um ensaio escrito no ano seguinte na Inglaterra para o *The New Moral World* [O Mundo da Nova Moral], Engels afirmou que os artigos de Hess na *Gazeta Renana* apontando o caminho para o comunismo fracassaram em seus efeitos. Mas esse julgamento era justificado? Certamente não se poderia esperar mais de seus artigos do que serem capazes de despertar alguns espíritos escolhidos para pensamentos que eram tão novos e estranhos na Alemanha. Portanto, ter convencido homens como Marx e Engels da importância do comunismo já significava um sucesso. Naquela época, o socialismo era entendido na Alemanha como a luta por uma reforma pacífica da sociedade e o comunismo como um esforço para subverter a sociedade – um esforço liderado por associações proletárias secretas. Mas a única distinção que Engels fazia ao analisar a situação alemã era entre o comunismo filosófico, liderado por membros das classes educadas, e o comunismo, que era um movimento da classe trabalhadora. Considerava Hess o primeiro apóstolo do comunismo filosófico alemão. Mas agora descobrira, repentinamente, um movimento e uma liderança de cuja existência ele nunca suspeitara. Enquanto ainda estava em Berlim, deparou-se com panfletos de Weitling e o reconheceu como o fundador de um comunismo genuinamente espontâneo da classe trabalhadora: ele



fatores ideais estavam subordinados aos materiais e como os princípios prestavam homenagem aos fatos. No entanto, o mundo ao seu redor era um exemplo flagrante dessa verdade simples. Em Manchester, era diariamente obrigado a ver que as condições econômicas exercem a influência decisiva no mundo moderno, que é delas que surgem as oposições de classe, e que, em países onde grandes indústrias se desenvolveram (especialmente na Inglaterra), essas oposições de classe ditam a composição dos partidos políticos, a natureza dos conflitos entre eles e, portanto, toda a história política. Engels admitiu esses fatos lenta e relutantemente. Tinha que reconhecer que, na Inglaterra, o progresso dependia não do choque de princípios, mas do conflito de interesses; mas ainda estava longe de transformar esse caso individual em uma filosofia da história. Ele foi além da inferência de que interesses econômicos estavam levando à revolução e de que, a partir desses interesses, deveriam necessariamente se desenvolver princípios em um estágio posterior.

Engels apreciava uma discussão vigorosa. Ficou impressionado com a longa tradição de discussões fundamentadas que prevalecia entre as classes médias inglesas. Mas se irritava com a fria incredulidade com que o inglês prosaico recebia suas convicções de que a revolução era inevitável. Ele apresentou todo tipo de argumento contra a convicção universal de que o sistema político inglês era elástico o suficiente para assimilar, sem perturbações vitais, a mudança que estava sendo lançada sobre ele.

Embora desejasse ver as condições políticas e sociais inglesas em suas tonalidades mais escuras, não deveria ter apoiado as queixas de Richard Cobden e John Bright. Ele vinha da Prússia e, mesmo assim, escreveu na *Gazeta Renana* que a liberdade inglesa era despotismo e que o feudalismo era mais poderoso lá do que no continente. Engels sempre estava inclinado a ver as coisas de uma maneira ampla e simples. Não respeitava a complexidade e a desordem aparente de um sistema com uma longa

horário de trabalho das crianças nas fábricas. Engels frequentou reuniões em Lancashire nas quais os cartistas se opunham aos *whigs* nessa questão. Ele ficou chocado ao ver que a polícia apoiava qualquer industrial liberal que tivesse dificuldades com sua audiência.

Nessa época, na Irlanda, Daniel O'Connell estava agitando os irlandeses pobres desde a fome de 1842. A princípio, parece surpreendente que Engels não o apoiasse tão fortemente quanto o fez Bismarck – que admirava muito O'Connell. Mas Engels rejeitava o fato de as energias revolucionárias do “sutil demagogo” estarem direcionadas apenas aos objetivos “miseráveis e mesquinhos” que inspiravam todo o esforço a favor da revogação legislativa – e não à abolição da miséria humana. Como o *Northern Star* [Estrela do Norte], ele considerava o nacionalismo de O'Connell mera confusão se comparado com os objetivos reais buscados pelos miseráveis destituídos que afluíam para a bandeira do cartismo. Pensava que O'Connell estava aliado aos endinheirados do liberalismo para derrubar Sir Robert Peel. O'Connell não era, então, um democrata convicto. E Engels nunca poderia perdoá-lo por alertar seus compatriotas irlandeses sobre os “perigos do socialismo”. Mas sua admiração pelo espírito revolucionário dos seguidores de O'Connell era ilimitada. “Que povo!”, exclamou. “Eles não têm um centavo para perder, mais da metade deles não tem uma camisa sobre as costas, são verdadeiros proletários e *sans-culottes* – e além disso irlandeses –, gaélicos selvagens, ingovernáveis e fanáticos. Ninguém sabe como são os irlandeses a menos que os tenha visto. Se eu tivesse duzentos mil irlandeses, poderia derrubar toda a monarquia britânica.” Por muitos anos, Engels teve intimidade com uma trabalhadora irlandesa chamada Mary Burns. Foi ela quem o apresentou aos círculos proletários em Manchester; e suas relações com ela acrescentaram um calor especial à sua simpatia pelas vítimas irlandesas de “quinhentos anos de opressão” e o deixaram permanentemente interessado em sua salvação.



experimentos sociais de Owen. Mas o que mais o impressionou foi Owen ousar retratar “o casamento, a religião e a propriedade como as únicas causas de toda a infelicidade desde o início do mundo”. Ele admirava o socialismo inglês por declarar guerra aberta às igrejas inglesas e o elogiava por ser muito mais prático e mais fundamental do que o credo francês. As reuniões de domingo no Salão da Ciência de Manchester (fundado pelos apoiadores de Owen) atraíam milhares de participantes. Engels foi a muitas delas e ficou enormemente impressionado com a imagem estranha que lhe foi apresentada.

Não temos informações exatas sobre as tarefas das quais Engels estava encarregado na empresa Ermen & Engels em Manchester. Sabemos mais sobre suas atividades fora do escritório: elas são mais importantes para nós, assim como para ele. Com seu vigor, discernimento seguro e desejo natural de encontrar seu lugar, ele abriu mão de suas horas de lazer para se dedicar ao estudo da literatura inglesa da época. Os jornais e revistas que falavam tão livremente sobre assuntos públicos deram-lhe muito material para reflexão. E a leitura cuidadosa da história inglesa o ajudou a formar uma compreensão mais profunda da Inglaterra contemporânea e, assim, uma visão mais clara de seu futuro. Em Bremen, ele fora atraído principalmente por Shelley, por causa de seu ódio à monarquia e ao cristianismo, e começara uma tradução de *Queen Mab*. E agora lia toda a literatura inspirada nos conflitos da época. As obras de Carlyle, os romances de Disraeli, os poemas da sra. Browning e de Tom Hood falavam a ele das vastas convulsões sociais que estavam sacudindo a Inglaterra. Mas as ruas de Manchester eram mais eloquentes do que qualquer literatura.

Ao voltar para casa da Bolsa de Algodão ou de uma expedição às favelas com Mary Burns, ele percebeu que todas as impressões que estava coletando e todos os pensamentos que estava elaborando não poderiam dar frutos a menos que estudasse a ciência da economia política, que estava florescendo na Inglaterra. Até então ele negligenciara esse ramo do

estabelecimento de relações amistosas entre seus líderes e seguidores era uma necessidade primordial, Engels sentiu-se na responsabilidade de ajudar em sua formação. Membros individuais do movimento cartista já tinham externado a necessidade de que os proletários de diferentes países se tornassem conscientes de sua comunidade de interesses. Mas foi Engels quem, antes de todos os outros, e mais ansiosamente que todos, dedicou-se à tarefa de unir os “comunistas” dos países da Europa.

Ele desejava abalar a fé inglesa na lei e na ordem. De acordo com isso, tomou a história francesa como testemunho e explicou por que os comunistas franceses eram republicanos, pertenciam a sociedades secretas e não se furtavam a usar a força. Elogiou a polêmica de Proudhon contra a propriedade privada como a conquista mais importante do comunismo francês, pois Proudhon, disse ele, tinha revelado a verdadeira natureza e as contradições da ideia de propriedade muito mais cientificamente do que qualquer outro escritor. Naquela época, a crença de Engels na “aproximação do colapso do Estado” era fortemente influenciada pelo anarquismo de Proudhon; mas sua crença foi fortalecida por sua nova e surpreendente descoberta da supremacia das forças econômicas sobre as políticas. Ele viu que a propriedade privada era o fator mais importante na história, a questão central de todas as revoluções, conseqüentemente, não via mais a sociedade como subordinada ao Estado, mas o Estado como subordinado à sociedade. Engels formou a crença (que dali em diante faria parte de sua visão de mundo) de que o Estado não era uma categoria social existente desde sempre ou que deveria permanecer para sempre. Escrevendo no jornal de Owen, lidou principalmente com o comunismo da classe trabalhadora em sua discussão sobre a Alemanha; mas, mesmo ali, disse com grande ênfase que esperava que maiores avanços em direção ao comunismo seriam feitos por intelectuais do que pelos trabalhadores.

Engels viu o vazio moral dos trabalhadores ingleses. E, mesmo assim, esperava que a Inglaterra fosse regenerada exclusivamente por essa “parte



## VI

### AMIZADE COM MARX

Engels deixou Manchester no final de agosto de 1844 e viajou para a Alemanha, passando por Paris. Depois de longos meses sob o “terrível céu de chumbo” de Lancashire, seu espírito alegre acelerou-se novamente na vida brilhante dos bulevares. Mas a grande experiência dos dez dias que passou em Paris não foram as perambulações pela cidade nem o passeio pelos lugares consagrados pelas memórias de Babeuf, Marat e Robespierre: foi sua nova amizade com Karl Marx.

Marx e Engels finalmente chegaram a um entendimento. Viram que se complementavam e que seu desenvolvimento espiritual tinha seguido a mesma linha. Ficaram felizes ao perceber que seriam companheiros nessa caminhada no futuro porque, um independente do outro, tinham formado as mesmas visões de seu objetivo e do caminho em direção a ele. Sabiam que só poderiam alcançar seu fim comum compartilhando seu conhecimento e sua força. Amizades não são feitas apenas de um tempo e de uma estação, e poucas suportam as leis da mudança. Não é de surpreender que Marx e Engels, a essa altura, sentissem que estavam entrando em uma parceria permanente e que sempre aprenderiam e lutariam lado a lado. Mas é impressionante que essa parceria tenha permanecido estável ao longo de anos de mudanças; e é sem paralelo que a conquista desses dois homens seja tão completa, tão vigorosa, uma unidade tão viva.

passadas com a liberdade e o domínio de Marx. Era sensato de sua parte reconhecer que seu espírito precisava de um piloto para visitar novas terras. Embora tivesse um certo senso de direção, não confiava em si mesmo para dirigir sozinho. Depois de Strauss e Börne, ele se voltou a Hegel em busca de orientação. Quando chegou a Feuerbach, sentiu que seu espírito estava suficientemente forte para fazer uma excursão independente além dos limites da doutrina do filósofo solitário e antissocial. E então conheceu Marx, que estava seguindo na mesma direção. Juntou-se a ele e de bom grado começou a fazer “o que fui feito para fazer, tocar o segundo violino” – feliz por ter encontrado o primeiro violino e seguir sua liderança. Ele nunca aspirou mais? Sempre permaneceu satisfeito com seu *status* subordinado? O próprio Engels teria se recusado bruscamente a responder a essa questão. Não existem palavras dele que provem qualquer conflito trágico em sua alma. Seu pensamento nunca foi centrado em si mesmo, e ele não foi torturado pela ambição. Aos dezoito anos, contentara-se em reconhecer que não era poeta. E da mesma maneira, nos anos posteriores, estava contente em não esperar figos dos cardos, mas desfrutar do exercício das ricas qualidades que ele possuía. Em 1880, ele escreveu para Eduard Bernstein e, referindo-se a Marx, disse que não entendia como alguém poderia ter ciúmes de um gênio. “A genialidade é uma coisa tão excepcional que nós que não a temos sempre sabemos que não podemos alcançá-la.” Portanto, não devemos imaginar que Engels estivesse triste e resignado: ele não deixou motivos para essa visão.

Mas o fato mais importante sobre a nova amizade era a contribuição que cada um poderia dar ao pensamento do outro quando se conheceram. Em seu tempo como editor da *Gazeta Renana*, em Colônia, Marx reconheceu que a filosofia não está “fora do mundo”. Desapontado com sua crença na política, voltou-se à crítica da política. Ele via o significado do mundo material e a necessidade de uma revolução nele; percebia que toda revolução política era limitada, que a



sob uma luz nova e clara quando seu amigo apontou a oposição entre as frases gentis e a prática desumana do *laissez-faire*; os relatos de Engels sobre as crises financeiras e a acumulação de capital foram uma revelação para Marx. Anos depois, quando o releu, ele falou com admiração do “gênio” que encontrou no “Esboço de uma crítica da economia política”. Em 1862, ele declarou que Engels já tinha descoberto ali a objeção decisiva à teoria da renda da terra de Ricardo.

Era inevitável que os amigos discutissem o desenvolvimento do pensamento filosófico alemão e o círculo filosófico de Berlim do qual tinham sido membros. Marx sempre achava mais fácil progredir intelectualmente opondo suas crenças atuais às crenças que tivera e descartara. Engels não se sentia propenso a agir assim. Não lhe teria ocorrido escrever uma grande obra dedicada exclusivamente a atacar os hegelianos de Berlim, que, seguros nas elevadas alturas da teoria abstrata, bombardeavam seus antigos camaradas com panfletos – simplesmente porque eles sentiram que deveriam adentrar o mundo e aprender algo sobre as massas trabalhadoras. O livro que escreveu com Marx dirigia-se ao grupo de Berlim, que estava centrado na “família Bauer”, e ridicularizava a crença deles na existência transcendente do Espírito. Seu título original era *Uma crítica da Crítica crítica*. Engels ficou desagradavelmente surpreso quando outro título, *A sagrada família* (que tinha sido usado em conversas), foi posto no livro pelo editor. Ele queria evitar “brigas desnecessárias” com seu pai devoto – já irritado com sua conduta. E ficou ainda mais irritado porque seu nome apareceu ao lado do de Marx na folha de rosto. “Eu não escrevi quase nada disso”, disse, “e qualquer um pode reconhecer seu estilo. De todo modo é ridículo, pois redigi talvez uma dúzia de páginas e você centenas!”

Mas podemos ver o que Engels conseguira sozinho em seu livro *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra segundo as observações do autor e fontes autênticas*. Ele o escreveu em Barmen no outono de 1844 e inverno de 1844-1845. Trata-se do principal trabalho de sua juventude.

fundado associações para promover o bem-estar das classes trabalhadoras. Esse movimento não desagradou os governos dos vários estados – eles ficaram satisfeitos com o fato de a atenção do público estar sendo desviada de questões mais embaraçosas, como governo representativo e liberdade de imprensa. Mas essas associações não eram um solo em que o comunismo poderia crescer.

Engels logo descobriu que era muito mais difícil fazer contato direto com a classe trabalhadora na Alemanha do que na Inglaterra. Os trabalhadores das áreas de tingimento e branqueamento de Wuppertal eram um esplêndido material para um movimento comunista. Mas como ele os alcançaria sob a onipresente vigilância da polícia? “Se alguém pudesse mostrar aos companheiros o caminho certo!”, lamentou-se a Marx, depois de fazer inúmeras tentativas malsucedidas. Na época, ele estava trabalhando em colaboração com Hess, embora algumas discordâncias se fizessem sentir às vezes. Eles foram compelidos a, no mínimo, fazer o possível entre membros das classes educadas, alguns dos quais se mostravam naquele momento receptivos a novas ideias sociais. Era possível convocar reuniões sem a permissão da polícia desde que seu objetivo fosse fundar associações para a melhoria das condições de vida da classe trabalhadora. Em tais reuniões, Engels conheceu pessoas que tinham algumas ideias radicais; como sempre foi otimista, escreveu a Marx: “Onde quer que se vá, é possível defrontar-se com um comunista”. A princípio, teve visões excessivamente esperançosas das perspectivas do movimento, como mostra seu artigo de 14 de dezembro de 1844 no *The New Moral World* intitulado “O rápido progresso do comunismo na Alemanha”.

Engels e Hess planejavam fundar uma revista mensal que, sem correr o risco de fechamento imediato por propaganda comunista aberta, imprimiria relatos da situação da classe trabalhadora na Alemanha. Esse plano foi descrito pelo ilustre escritor socialista cristão V. A. Huber como “um empreendimento que poderia, em mãos mais respeitáveis,